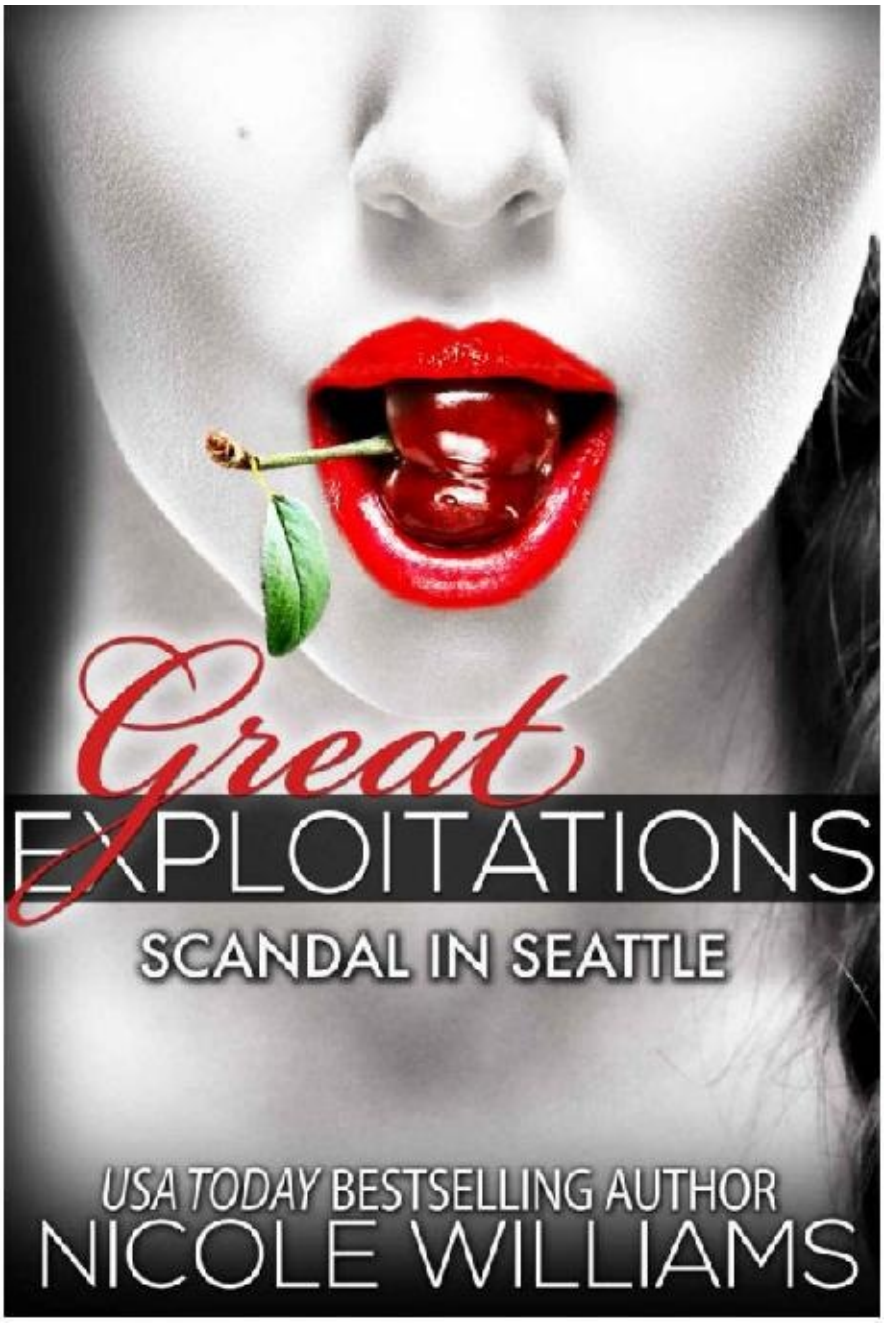
upload

Nicole Williams



1 - Titulo da Música: Eat Shit and Die – Electric President

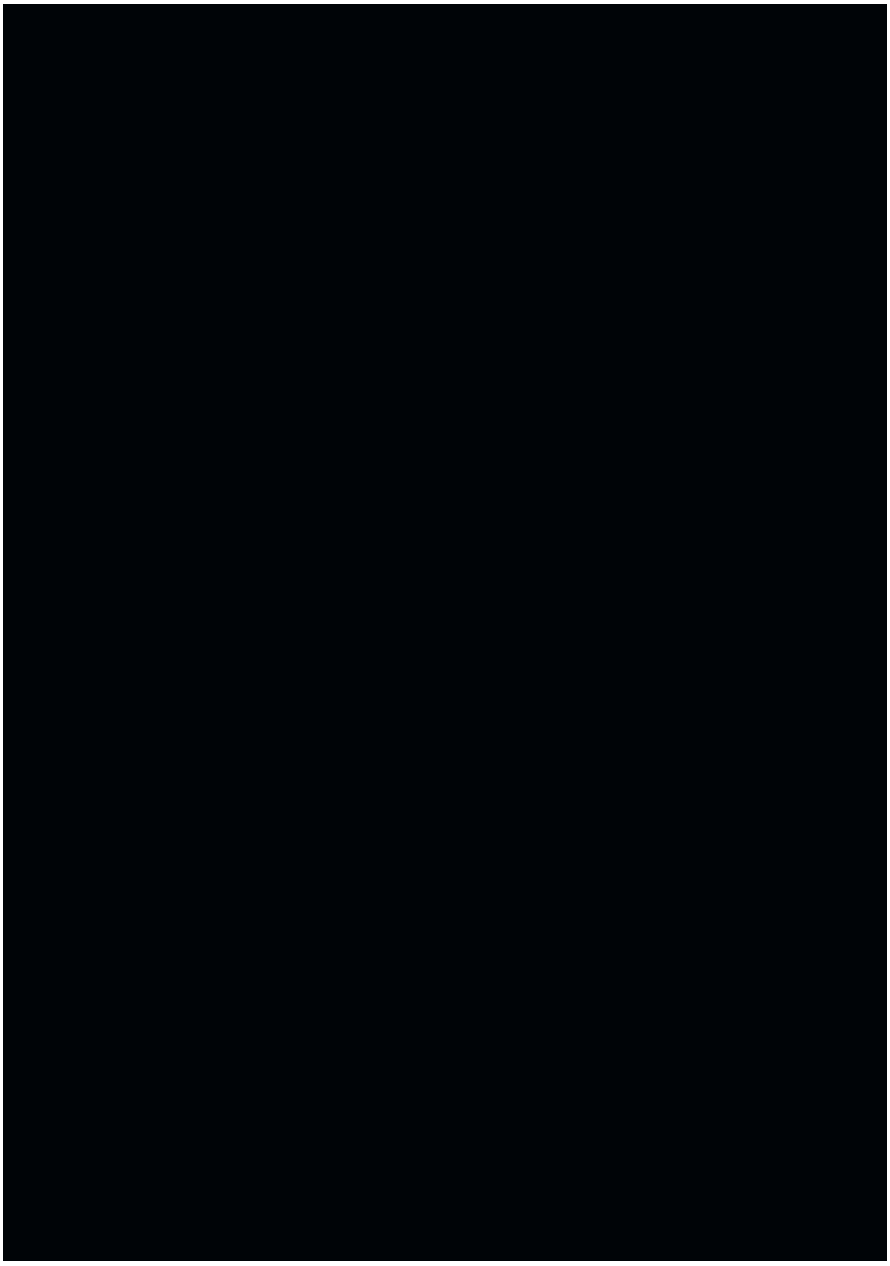


Vingança não é sobre o que as Eves são. Justiça é.

Mas quando Sienna Stevens deixa Miami por seu Errand em Seattle como Ally Andrews, vingança é a única coisa em sua mente. Uma mulher desprezada é uma coisa, mas Ally é algo mais. Ela não vai descansar até o homem que despejou seu mundo ser trazido em seus joelhos pessoal e financeiramente. Ela não vai se contentar com apenas derrubar o mundo dele em retorno. Ela vai para uma aniquilação total.

Ally mal está em Seattle um dia antes das complicações surgirem. Ela começa a cometer deslizes. Ela está a um erro de ser afastada do maior Errand de sua carreira, quando ela se vê cara a cara com Henry Callahan. Primeiro amor. Atual Alvo.

As coisas apenas foram de complicadas para catastróficas.



3

VIDA É MUDANÇA. Ou isto é, mudança é vida?

Para mim, é o último. Mudança tem sido a essência da minha vida. É a origem do meu presente e a promessa do meu futuro imediato. Um dia, isso vai mudar. Um dia, eu vou viver uma vida simples onde rotina e normalidade são a agenda do meu dia. Um dia, mudança vai ser exceção, não a norma.

Um dia... não hoje.

Na última noite eu estava em Miami. Hoje eu estou em Seattle. Ontem eu estava no Errand Silva. Hoje eu estou no Errand Callahan. Vinte e quatro horas atrás, meu trabalho era todo negócio. Agora, meu trabalho é todo pessoal.

PORQUE EU ESTOU NO NEGÓCIO DAS GRANDES EXPLORAÇÕES. E O

NEGÓCIO É BOM.

***

— Você está aqui por negócios ou prazer, madame? — a mulher fazendo meu check-in Four Seasons perguntou.

Agarrei minha maleta um pouco mais apertado e sorri. — Prazer. Todo prazer.

Ela me deu aquele sorriso padrão da indústria de hospitalidade. — Aproveite a sua estadia.

— Garantido — eu disse enquanto eu me dirigia para os elevadores. Não havia nada sobre minha estadia que eu não poderia desfrutar. Um hotel cinco estrelas e uma boa dose de vingança? Nada, nem mesmo o céu cinzento poderia manchar esse Errand.

Henry Callahan. Bilionário. Magnata dos negócios de TI. Meu Dez. Meu Errand.

4

Meu ex.

O homem que abalou todo o meu mundo.

O homem a quem eu iria retribuir.

É claro, G nunca poderia saber sobre Henry e minha história. Ela redesignaria um Errand se ela soubesse que a Eve tinha feito a pré-escola com o Alvo, sem falar se envolvido há cinco anos atrás com o Alvo. Então G teria que ser deixada no escuro. Além das checagens intermitentes, eu manteria relatórios de progresso ao mínimo. Se o Errand fosse um Sete ou Oito normal, as checagens teriam sido nada mais do que algumas mensagens de uma letra, mas esse era o nosso Dez. Esse Errand era tão xodó da G quanto meu. Ela já tinha me avisado que esperaria atualizações de status regulares e seria menos liberal do que normalmente era.

Eu não queria mentir para G, mas ainda mais, eu não queria desistir do Errand Callahan. Eu era boa guardando segredos. Obviamente. Isso se traduziria em manter alguns de G, eu esperava.

Depois de ler da primeira à última página do arquivo de Callahan, *duas vezes*, no avião, eu comecei a tramar como eu me comportaria sobre a sedução real para derrubar Henry Carter Callahan. Enquanto eu fazia meu caminho pelo corredor, eu planejava como orquestraria meu encontro ao acaso com Henry.

Tirando ser um viciado em trabalho, o arquivo de Henry não entregava nada sobre defeitos. Minha experiência pessoal com ele sabia mais. O provérbio *uma vez traidor, sempre um traidor* era verdade na maioria das vezes. Henry Callahan foi um traidor comigo, então eu poderia quase garantir que ele era com sua esposa.

Que ele a tinha enganado era um testemunho de quão sorrateiro ele deve ter sido.

Isso estava bem. Eu era uma profissional em me deitar com um traidor.

Eu ainda estava sorrindo quando entrei em meu quarto. Depois de acender as

luzes, meu sorriso aumentou. G me conseguiu uma suíte enorme. Já que eu sai de Miami com pressa, eu não tinha uma mala para ser carregada, então depois de deixar minha bolsa e pasta sobre a mesa do quarto, eu vaguei para a sala de estar.

Do canto do meu olho, um lampejo de vermelho me chamou a atenção.

— Santa Mãe — berrei, congelando em meu caminho.

5

— Por que, sim. Sim, eu sou santa. — uma voz familiar disse. — Bom você ter finalmente reconhecido isso.

Depois de reiniciar meu coração, eu lancei um olhar hesitante para a mulher reclinada em uma cadeira no canto. — Obrigada pelo mini ataque cardíaco, G.

Ela arqueou aquela sua afiada sobrancelha.

— Desculpe-me... G *a Santa,* — eu corrigi, fazendo uma reverência vistosa.

Ela pressionou seus lábios para evitar sorrir. — Como eu deveria aniquilar um Dez se eu estou morta?

— Seu trabalho não é aniquilar nada. Seu trabalho é seduzir. — G cruzou suas pernas e me deu um olhar. — Aniquilação é muito pessoal. Eu pensei ter deixado claro isso anos atrás.

G tinha me pego de surpresa, e eu tinha cometido um deslize. Isso não aconteceria novamente. Isso *não poderia acontecer,* porque G raramente perdia alguma coisa. Se eu não agisse como se o Errand não fosse mais especial do que qualquer outro Errand, eu seria retirada dele, no melhor caso. O pior caso seria uma demissão imediata seguida por apodrecimento em algum beco desconhecido.

— Desculpe. Eu só estou um pouco excitada sobre este. — eu disse, indo até o sofá para sentar de frente para ela.

— O que? Você? Excitada? — ela disse. — Não pode ser.

— Não diga.

— Eu não vou se você não me denunciar...mas eu posso estar um pouco excitada também. — Os olhos verdes de G piscaram, e ela quase, *quase,* sorriu. Eu tinha visto seu sorriso algumas poucas vezes, mas foi sempre um pouco mais do que ameaçador. Esse sorriso era quase alegre. Eu imaginei que eu tinha estado em minha linha de trabalho tempo demais quando um sorriso alegre era mais

incômodo do que um ameaçador.

— Então, além de compartilhar um capricho de uma-vez-a-cada-poucos-anos de excitação, para o que eu devo a honra da sua companhia em pessoa?

G só tinha feito encontros pessoais com suas Eves no início de um Errand como uma exceção. No curso de um ano, eu devo tê-la visto uma ou duas vezes, e cada vez que eu a vi, nunca foi para pagar uma bebida e pôr o papo em dia. Os 6

encontros de G eram sempre importantes e sempre sobre negócios. Ela não sabia nada sobre o passado das suas Eves e nós não sabíamos nada sobre o dela.

Nenhuma de nós tinha familiares, ou pelo menos que nós mantivéssemos contato, nós não tínhamos tempo para coisas como passatempos. Tudo isso acrescentava para fazer de uma conversa casual um pouco de problema.

— Há uma mudança nos planos, — ela começou.

Eu parei de respirar. Ela sabia? *Como* ela poderia ter descoberto?

— O Sr. Dez é um viajador. Ele está fora do país durante metade do ano. Um pedaço de informação que a Cliente esqueceu de mencionar. — G fez aquela cara que me paralisava toda vez que era dirigida a mim. Um rosto tão bonito como o dela parecer tão feio deve ter levado anos para aperfeiçoar. — O alvo estará em Seoul na próxima semana. Então, ele estará de volta por uma semana, então parte para Bangkok por mais uma semana. E assim por diante.

— O-ok. — Eu me perguntei por que isso era uma grande coisa que ela tinha que me encontrar em pessoa. Então ele viajava bastante. Muitos Alvos viajavam...

então nós fazíamos uma das coisas que nós Eves fazíamos de melhor: nos adaptávamos. Eu aprendi minha parte em adaptação anos atrás.

— Já que o Alvo está fora do país tanto quanto ou mais do que está nele, e esse Errand vai levar um tempo significativamente longo para terminar, eu não quero uma das minhas melhores Eves ficando entediada.

Ah. Entendi. Ao tentar entender onde o trem de pensamentos da G estava indo, sempre pense em dólares e centavos. — Ou desperdiçar, quando ela poderia estar trabalhando em um Errand dentro de um Errand, certo?

G concordou. — Precisamente. Você tem, pra começar, o tempo mais rápido de conclusão de todas as minhas Eves, então eu tenho certeza que você não terá nenhum problema em conciliar alguns outros Errands ao longo do caminho. Eu não vou jogar nada muito complexo para você. Um roqueiro aqui, um jogador profissional de basquete ali. Errands que você pode terminar em vinte e quatro horas, se necessário.

Se eu achasse que argumentar me levaria a algum lugar, eu teria. Eu não queria trabalhar em um Errand dentro de um Errand. Eu queria manter meu foco 7

e atenção em Callahan. Eu queria deixá-lo de joelhos antes que ele percebesse. Eu queria ele amaldiçoando o dia em que me conheceu. Eu queria ele amaldiçoando meu nome até o dia da sua morte.

Eu queria tudo isso, mas eu tinha que bancar a boazinha. Especialmente com G.

— E porque você tem esse pequeno brilho em seu olhar, eu estou adivinhando que você já tem um Errand para eu trabalhar enquanto o Sr. Callahan está longe. — Dizer seu nome era difícil. Eu me sentia como se eu estivesse entregando tudo em meu tom ou expressão. Se eu estava, G parecia não saber.

— Esse brilho sempre me entrega, não é? — Ela sorriu novamente, seu típico sorriso ameaçador, e nem uma simples linha de ruga em sua pele. O Botox era bom, ou ela tinha encontrado a fonte da juventude em algum lugar ao longo do caminho. Julgando pelo olhar cansado nos olhos de G, eu diria que ela estava em seus sessenta, mas julgando pelo resto, ela parecia ter vinte e oito. G era bonita em uma espécie de planta carnívora. Admire de longe, mas não mexa com ela. —

E a resposta é sim. Tenho uma nova Cliente aqui em Seattle e, avaliando pelo que ela me disse no telefone, este Errand é a sua variedade de pão com manteiga.

— Meu pão com manteiga? — Eu repeti. — Não são todos os nossos Errands ricos, bastardos e traidores?

— São, — ela respondeu — mas alguns são mais bastardos do que o resto.

E você, minha garota, tem um dom especial quando se trata dos grandes bastardos do mundo.

Esse era um conjunto de habilidades que eu poderia listar no meu currículo?

Isso pareceu tanto um elogio quanto um insulto. — Quando e onde eu encontro a Cliente desse maior bastardo do grupo?

— Amanhã de manhã, às noves horas, na Academia Pike Street. Pergunte pela Sra. Hendrik na recepção do hotel.

Ah, uma academia. Que refrescante. Eu não acho que eu poderia ter um outro spa.

— Quando você terminar este Errand, vou mudar você. Não fique muito confortável. — Eu nunca ficava. Eu me mudava a cada poucas semanas, então 8

ficar confortável não era uma opção. — Ainda outro pequeno fato que a Sra.

Callahan esqueceu de mencionar era que ela vive na casa deles em Seattle, mas o Sr. Callahan passa a maior parte de seu tempo na casa de praia deles em San Francisco.

Eu me peguei sorrindo. Se havia qualquer estado que eu tinha me sentido em casa pelos últimos cinco anos, esse era o Golden State. Há muitos ricos, bastardos traidores na Califórnia. — Considere-me no primeiro voo fora de Seattle depois que eu fechar o Errand Hendrik. — Eu já estava ansiosa para começar.

Quanto mais cedo eu terminasse, mais cedo eu começaria a trabalhar no Errand que eu queria estar trabalhando.

— Ótimo. — G levantou-se e ajeitou o paletó. Negócio feito; ela estava fora.

Os trabalhos de G e os meus eram diferentes, mas nós seguíamos as mesmas regras. — Se você precisar de alguma coisa para o Errand Callahan, você me avisa.

Eu vou estar verificando mais vezes do que o normal, então esteja esperando isso.

Eu balancei a cabeça enquanto eu ficava parada também.

— Este vai ser duro. Impossivelmente difícil — disse ela, me inspecionando como se ela fosse determinar se eu estava ou não à altura da tarefa. Eu nunca tinha sido tão à altura da tarefa. — Pela pesquisa, não temos qualquer sujeira no Sr. Callahan. Nada. Você vai ter seu trabalho feito por você.

Oh, havia muita sujeira no Sr. Callahan. Eu tinha experiência em primeira mão com essa sujeira. — Há sujeira em cada Alvo, G — eu disse, andando até a porta. — Às vezes, ela só precisa de um pouco mais de escavação para ser encontrada.

O rosto de G escureceu. Apenas um pouco, mas eu não perdi. — Talvez. Mas se eu já tivesse visto um Alvo livre de sujeira, seria este. Cave rápido. Cave forte. E

se você não encontrar nada... — G levantou um ombro. — então talvez tenhamos que criar alguma.

Minhas sobrancelhas se juntaram. G tinha me treinado em todos os aspectos do negócio, mas criar escândalos quando não havia nenhum era novo para mim.

— Nós cruzaremos essa ponte quando e se chegarmos lá, — ela disse puxando da sua bolsa uma sacola de plástico contendo um par de telefones. —

9

Esses são para o Errand Hendrik. Eu terei os telefones do Callahan esperando por você no condomínio quando você chegar.

O vinco entre as minhas sobrancelhas não conseguia sair. — Condomínio?

— Eves ficavam em hotéis. Nós não ficávamos em condomínios, apartamentos ou casas.

— Você não vai terminar o Errand Callahan em um par de semanas. Este vai levar meses, senão anos. Achei que você ficaria mais confortável em um condomínio. — G abriu a porta e olhou de volta para mim por cima do ombro. —

Especialmente um em frente à praia.

10

EU PODERIA SENTIR as calorias sendo queimadas tão logo eu entrei na academia. Depois de me apresentar na entrada, me disseram que a Sra. Hendrik estava no meio de uma aula privada de spinning e para continuar em frente. Pelo outro lado da porta da sala da aula, eu ouvi o chiar do aparelho de spinning.

Queime, baby, queime.

Eu dei uma rápida batida na porta antes de me convidar a entrar. Uma personal trainer andava ao lado da Sra. Hendrik, que estava, como eu suspeitava, caprichando naquele aparelho como se ela tivesse uma vingança pessoal contra ele. Sra. Hendrik usava um aparelho de spinning; eu usava um saco de pancada.

Essas eram opções mais saudáveis do que nós poderíamos ter escolhido depois de descobrir que devotamos nossas vidas para um homem devotado a ser mulherengo.

Eu nunca tinha encontrado ou visto a Sra. Hendrik, mas eu estive nesse negócio tempo suficiente para reconhecer uma Cliente no Encontro. Já que ela estava absorvida em sua rotina, eu limpei minha garganta. — Sra. Hendrik? — eu esperei ela olhar para cima. — É uma hora ruim?

Seus olhos alargaram por um momento enquanto ela olhava. Ela era bonita, é claro — todas as Clientes eram — delicadas, jovens, com um corpo característico das Eves. Se uma mulher como ela não conseguia evitar que o pau de seu marido se comportasse mal, eu percebi uma coisa a mais sobre Sr. Hendrik: Ele era um imbecil.

— Não, — ela disse, checando o relógio na parede oposta. — Você está na hora certa.

Eu sempre estava na hora.

— Eu terminarei essa série sozinha, Gina — Sra. Hendrik disse para sua trainer. — Alcanço você na sala de Pilates.

11

Eu malhava religiosamente — era apenas uma realidade do trabalho — mas eu tinha a sensação de que a rotina diária da Sra. Hendrik poderia me deixar com vergonha. Depois da trainer sair, eu me aproximei da Sra. Hendrik, que ainda estava malhando. Ela não estava suando, e mal estava ofegando, mas suas pernas não poderiam ter girado mais rápido.

— Sabe, eu disse a G isso, mas talvez eu precise falar para você, — Ela me checou da cabeça aos pés. — Ian gosta de garotas jovens. Você parece mais velha do que eu.

A Sra. Hendrik estava começando a introdução com as garras de fora. Trinta por cento das Clientes o faziam, e cem por cento das Clientes como a Sra. Hendrik faziam.

— Eu tenho vinte e cinco. Quantos anos você tem? — Eu perguntei, colocando minhas próprias garras de gata para fora. — Na casa dos trinta? — Eu adicionei porque seu rosto foi a um tom a mais de irritação.

Insultar a Cliente não era minha aproximação predileta, mas eu tinha que combater fogo com fogo ou ficaria em chamas. Às vezes, nós tínhamos que quebrar alguém para reconstruí-lo, e a Sra. Hendrik parecia como se ela precisasse levar um tombo daquela casa de vidro dela.

Eu estava lá para ajudar. Ela tinha nos chamado. Eu não era o inimigo. Seu marido era.

Hora de lembrá-la disso.

— Não se preocupe com minha idade, Sra. Hendrik — eu disse, parando alguns passos na frente de sua bicicleta. Se isso fosse real, eu sabia que ela não teria desviado para evitar passar por cima de mim. — O que eu tenho faltando no departamento legal, eu mais do que compenso no departamento de habilidades.

Ela bufou, olhando para o guidão de sua bicicleta. — Ian não poderia dar a mínima para habilidade. Tudo o que ele se preocupa é foder tantas jovens modelos-vadias quanto ele pode. — Ela me deu aquele olhar dos pés à cabeça

novamente.

Eu tinha sido checada dos pés à cabeça meia dúzia de vezes em menos de cinco minutos. — Você é alguns anos mais velha e alguns quilos mais pesada, mas você 12

tem essa aparência geral de modelo-vadia. Tenho certeza que não vai demorar muito a convencer a cobra dele a sair da gaiola.

Se eu tinha uma aparência de modelo-vadia, então ela tinha mais. Ela era mais baixa e tinha seios menores, mas nós tínhamos muito da mesma aparência.

— Ele é um traidor, — eu disse. Eu já sabia disso antes de entrar na academia. Probabilidade e estatísticas, esse é o nome do jogo.

— Ele redefine a palavra, — ela disse com outro bufo. — Mas o filho da puta tem feito uma arte de manter isso escondido.

— Então como você sabe? — eu perguntei, agradecida que nós tínhamos passado o “aviso” de boas-vindas e continuado para a razão que eu estava lá.

— Intuição feminina. Um pressentimento. Um instinto. — Ela ergueu um ombro. — Eu apenas sei.

Funcionava para mim. Na maioria das vezes, a intuição feminina sobre seus maridos as traindo era infalível.

— Ainda, ele estava tipo com um pessoa a mais quando ele... me conheceu.

— Pela primeira vez, a Sra. Hendrik mostrou alguma emoção além de apatia ou desdém.

— Você quer dizer, quando ele *dormiu* com você? — Algumas Clientes faziam mais fácil sentir compaixão por elas do que outras. Aa Sra. Hendrik estava na categoria *outras*. Ela tinha participação no jogo da traição, então ela casou com ele.

Formar simpatia por alguém assim era difícil.

Ela rolou seus olhos. — Eu só sei que ele está deitando-se por ai, tudo bem?

Ele chega tarde em casa, cheirando como outra mulher. Ele dificilmente vem para mim por sexo o que significa que ele está conseguindo de outro lugar.

Verdade. O desejo sexual de um homem nunca muda. Sempre fica no mesmo: poder total. Se ele não estava tendo isso da sua esposa, namorada ou amante, ele estava certamente conseguindo de alguém mais.

— E agora parece que ele está prestes a conseguir de você — ela adicionou, tomando um gole de sua garrafa de água e tentando não olhar em minha direção.

13

— Se eu fizer meu trabalho, e você o seu. — eu mirei a sacola na cadeira atrás dela. Eu imaginei que a pasta recheada nela era pelo que eu fui lá. Eu estava realmente pronta para sair daquele Encontro. — Essa é toda a questão, certo?

— Se isso significar que eu consiga metade de tudo e eu nunca ter que cheirar algo desagradável em seu pau de novo, então sim, essa é a questão.

Nós praticamente voamos através dos estágios emocionais do Encontro. Eu imaginei que a Sra. Hendrik não mostrava regularmente um impressionante nível de emoção, então eu tomaria sua última declaração como o seu show de aceitação.

Tudo o que eu precisava era o arquivo, e eu estava o tirando rapidamente de lá.

— Esse é o arquivo?

— Em toda a sua glória exaustiva — ela respondeu.

— Está tudo ali?

— Cada último detalhe sujo.

Decisiva. Esse foi o primeiro ponto no placar da Sra. Hendrik. Depois de pegar a pasta, deslizar o celular do Errand no seu lugar na sacola, e passar minhas regras de celular e o sermão de não-diga-nada, eu me dirigi para a porta.

— É isso? — ela falou atrás de mim, não perdendo o ritmo em seu frenesi no spinning.

— É isso.

Ela riu algumas notas. — Você tem a coisa de rapidinha em você. Você vai fazer muito bem com o Ian.

Eu nunca fiz muito bem. Eu certamente não termino Errands com muito bem. Eu termino eles com perfeição.

DEZ HORAS MAIS TARDE, eu estava na entrada do Four Seasons, fluindo sobre o arquivo do Hendrik. Eu estava na minha segunda Cherry Coke com cerejas extras e quase nas últimas poucas páginas quando notei uma figura vindo em minha direção. Eu tinha me escondido em uma cadeira no canto por privacidade 14

— isso não era óbvio? — mas parecia que a privacidade ia levar uma pausa temporária.

Eu tentei parecer positivamente extasiada com o arquivo. Eu tentei bancar a ignorante do estranho pairando na minha frente, mas ele aparentemente não estava aceitando minha ignorância dele.

— Posso ajudá-lo? — eu disse com um expressivo nível de gelo, fechando o arquivo.

— Nós vamos chegar a isso em um minuto, mas agora tudo o que eu quero que você faça é servir-se de uma bebida com um pouco mais de álcool e um pouco menos de cereja. — Um copo de Martini apareceu em cima da mesa na minha frente.

Eu suspirei antes de olhar para o estranho. Se ele já não tivesse me irritado interrompendo meu tempo de estudo, ele certamente me irritou por deixar aquele suco do demônio na minha mesa. Se eu gostasse do sabor de solvente de tinta, talvez eu seria uma grande fã de Martini.

— E eu gostaria que você servisse a si mesmo um... — Eu revidei enquanto eu olhava para ele. Eu verifiquei novamente para me certificar que minha pasta estava fechada. Uma vez que eu tinha certeza disso, levou tudo que eu tinha para me manter composta.

O homem na minha frente, sorrindo esse tão familiar sorriso de jogador, era o mesmo que eu estive passando através das páginas e fotos pelas últimas horas.

Essa — vir a encarar um Alvo enquanto estudando o arquivo desse Alvo — era a primeira vez. Esperançosamente a última também. Eu tive que limpar rapidamente o ódio do meu rosto e o substitui por algo menos odioso e mais brincalhão.

Estávamos na parte puramente comercial do Errand.

— Eu não sou o tipo Martini de garota, — eu respondi. — Mas obrigada.

— Você tem certeza disso? — O Sr. Hendrik pegou o assento na minha frente e pousou os pés sobre a mesa de café. Ele era um fotógrafo de moda, se alguma vez eu tinha visto um. Sua roupa era um cruzamento entre punk e grunge, seu cabelo bronze, e para completar o look, ele tinha um cavanhaque e tatuagens nos

dois braços. Ele parecia mais jovem, muito mais jovem do que seus trinta e cinco anos. Talvez era por isso que ele gostava de suas meninas com idade jovem.

— Eu estou bebendo uma Cherry Coke. — eu olhei para meu copo quase vazio. — Um Martini é bem diferente de uma Cherry Coke.

Sr. Hendrik molhou seus lábios e se inclinou. — Você tem algo contra gin?

Só quando vem de um Alvo que tinha me pego de surpresa. — Não.

— Algo contra álcool então? — Ele correu seus olhos por mim de uma forma que não quis ser sutil.

— Não.

Suas sobrancelhas levantaram enquanto um pequeno sorriso maldoso formou. — Menor de idade?

Eu quase podia sentir sua excitação. Momentos como esse, quando a maioria das mulheres teria calafrios e recuaria, eu apreciaria e ficaria confortável. Esses momentos, a expressão acesa do Alvo com o conhecimento que eu tinha quase metade de sua idade, eram aqueles que eu não evitava.

Enfiei minha trança por cima do meu ombro e olhei para baixo. Olhar para baixo era um sinal claro de que alguém estava mentindo. — Não.

Eu não precisava ver para sentir seu sorriso crescer. — Não se preocupe. Seu segredo está a salvo comigo, — ele disse. — Se você precisar de uma identidade falsa ou alguma coisa, eu conheço um cara que faz uma tão bem que até mesmo os policiais não podem notar a diferença.

Eu aposto que ele conhecia.

— Obrigada, mas não obrigada. — Eu olhei para ele, e ele estava inclinado para frente em seu assento. Como se ele já fosse se mover para matar. — Se você não se importa, eu tenho algum dever de casa para terminar antes da manhã ou então vou falhar na tarefa. — Decidi manter a parte sobre ele ser a tarefa para mim mesma.

— Dever de casa do Ensino médio ou da Faculdade?

Por aquele ponto na conversação, eu percebi que Sr. Hendrik era um bastardo comum. Certificado e tudo. Isso poderia estar estampado em sua testa.

16

Esses tipos de caras eram tão fáceis, e seus motivos eram tão simples. Eu realmente não poderia esperar para começar a trabalhar no grande Errand Dez/Callahan porque eu precisava de um desafio. Meu cérebro parecia que estava em perigo de murchar e morrer devido a subutilização.

Dando-lhe um olhar tímido, eu brinquei com o fim da minha trança. — Você não gostaria de saber.

— Malditamente certo que eu gostaria, — foi sua resposta antes que ele estendesse a mão. — Eu sou Ian. E você é?

Nojento. Eu sosseguei o meu diálogo interno e apertei sua mão. — Ally.

— Ally...?

— Andrews. Ally Andrews, — eu disse, contente de ter pensado em um pseudônimo mais cedo. — É melhor você ir. Eu vou encontrar meu pai aqui em breve, e o último cara que ele pegou me oferecendo bebida ainda está mancando.

— Se lançar o cartão do pai não fosse suficiente para confirmar que eu era quase, ou não, menor de idade, nada era.

— Justo, — ele disse. Ele ficou em pé, mas não estava partindo. Eu sabia que ele não iria. Eu tinha treinado para ter certeza que ele nunca faria. — Você já fez alguma modelagem ou pensou em fazer alguma?

Eu não me deixei rolar os olhos. Por mais que eu quisesse. — Não e não, —

respondi-lhe. — E NÃO.

— Bem, você deveria. Com um rosto e corpo como o seu, é uma tragédia mantê-lo só para si.

— Eu deveria estar lisonjeada ou assustada com isso? — perguntei.

— Lisonjeada — ele disse, formando um quadrado com os polegares e dedos

indicadores e olhando através dele com um olho avaliador. — Sou um fotógrafo.

Eu faço a minha vida capturando as mulheres mais bonitas do mundo. — Ele piscou para mim através do quadrado. — E você se encaixa nessa categoria. — Eu me mexi no meu lugar, ficando quieta. — Vamos. Eu não posso aceitar um não como resposta. Seu rosto merece estar na capa da *Vogue*.

Hmm, pelo que eu li, parecia que ele gostava de fotografar mais do que apenas o rosto. Tudo mais. — Vou pensar sobre isso — eu disse finalmente.

17

— Aqui está meu cartão para quando você terminar de pensar nisso e estiver pronta para fazê-lo.

Yep, *fazê-lo* foi enunciado do jeito certo.

— Vamos ver — eu disse, pegando o cartão.

— Esperançosamente, eu vou vê-la em breve. — Ele me lançou mais um sorriso e se dirigiu para as portas.

O Sr. Hendrik veria muito de mim em breve.

18

UM SOBRETUDO, um par de saltos de gatinho, e um sorriso. Isso era tudo que eu estava vestindo.

Depois de alguns dias, eu liguei para o Sr. Hendrik. Eu disse a ele que estaria disposta a dar uma chance a modelagem e perguntei se ele ainda queria tirar minhas fotos. Seu *sim* de resposta veio antes de eu ter terminado minha pergunta.

Então esta noite era a noite. Não *à* noite, mas uma importante. Ele marcou o encontro para oito horas em seu estúdio no centro de Seattle. Que ele tinha marcado a sessão de fotos tão tarde me disse que ele tinha algo mais do que apenas brincar com sua câmera na agenda. Ele estava bastante confiante em sua habilidade de seduzir uma mulher.

Eu estava mais confiante em minha habilidade de não ser seduzida.

O estúdio estava localizado dentro de um dos prédios históricos, e eu vi por que sua esposa tinha dificuldade para pregar o rabo dele na parede. O edifício tinha mais pontos de segurança do que o La Guardia Airport.

O guarda noturno tinha me deixado entrar, me registrado e escoltado até o elevador. Dali, um operador de elevador garantiu que eu não sai em outro andar além do que o guarda de segurança lhe tinha dito que eu estava indo. Uma vez que as portas do elevador abriram, o operador apontou para o corredor direito. O

corredor estava vazio, e todos os escritórios que passei estavam escuros.

Bem como o Sr. Hendrik sabia que estariam. Eu me perguntei quantas jovens ele tinha trazido aqui, seduzido, e mandado embora com suas coisas poucas horas depois. Medindo pelo seu nível de autoconfiança, esse número deve ser extremo.

Uma vez que eu estava do lado de fora da porta de ferro do estúdio, que não tinha janelas e nem maçaneta, eu contemplei se deveria bater ou mexer com o teclado e alto-falantes do lado de fora. Eu me conformei em bater e esperei.

19

Eu não esperei muito tempo.

O auto falante zumbiu para a vida. — Entre, Ally. Eu estou todo pronto para você.

Eu tenho certeza que ele estava.

A porta abriu lentamente, e eu deslizei para dentro. O estúdio era mais como um apartamento do que um local de trabalho de um fotógrafo. Haviam sofás, pinturas nas paredes, e é claro, uma cama enorme com uma montanha de travesseiros. Sabe, para quando um homem trabalhando horas sem parar precisar de um descanso. Aham...

— Aqui está a garota que vai ter a graça de ser capa de cada revista de moda no mundo, — Sr. Hendrik disse depois que ele surgiu de um canto.

Ele estava com o mesmo tipo de roupa que usava no hotel, mas seu cabelo parecia mais bagunçado. Eu não precisava de dois palpites para saber como tinha ficado tão despenteado. Se o cabelo não o estregasse, os lençóis amarrotados e a embalagem de camisinha que eu tive que passar por cima, contavam a história.

Eu lancei-lhe um sorriso tão provocativo quanto a forma que eu estava vestida embaixo do meu casaco. O Sr. Hendrik gostava de suas mulheres jovens, mas eu também tinha descoberto — depois de ter investigado o resto do seu arquivo

— que sua preferência não era por jovens inocentes. Ele gostava do oposto.

— Aqui está o cara que gosta de oferecer martinis a garotas aleatórias na recepção do Four Seasons, — eu disse, levantando minhas sobrancelhas enquanto eu serpenteava através do estúdio. — E, a propósito, o que você estava fazendo lá essa noite? Além de me interromper no meio do meu dever de casa.

Ian sorriu para si mesmo. — Interromper você de seu dever de casa. Esse era meu único compromisso para a noite.

Eu xinguei internamente. Não de acordo com a garçonete que tinha vindo até

mim depois que Ian foi embora, me alertando sobre ele. Pelo que parece, Ian tinha descoberto mais conquistas no Four Seasons, nos últimos dois anos, do que o lugar tinha de quartos. Inclusive a garçonete.

— Claro que era — eu disse com sarcasmo, continuando a inspecionar o estúdio. Eu poderia dizer pela forma como sua expressão caiu quando eu comecei 20

a olhar em volta que ele estava desapontado que eu não tinha ficado totalmente cativada pela sua presença.

Ele era um homem bonito, assim como a maioria dos meus Alvos, mas muito mais passou a ser atraente para uma mulher. Ou pelo menos para mim. A capacidade de manter-se fora da cama de outra mulher, por exemplo.

Andei até a parede oposta à parede das janelas para inspecionar as dezenas, talvez até mesmo centenas de capas de revistas emolduradas. Todas contavam com alguma jovem bela de olhos vazios e pele perfeita. Parecia que o Sr. Hendrik tinha tido sua mão em mais capas da *Vogue* do que a Giselle.

— Então, o que te levou para a fotografia? — Eu perguntei, enquanto eu me concentrei em um rosto familiar. Ela tinha sido uma Cliente um par de anos antes, quando o marido começou a ter problemas com todo esse conceito de fidelidade.

— Eu tenho um olho para as coisas bonitas, — o Sr. Hendrik respondeu, vindo atrás de mim. Ou ele não conhecia ou não aderia à regra de “bolha pessoal”.

— Essa porta de aço industrial deve ter perdido o memorando. — Eu dei um par de passos para o lado e olhei a porta à prova de bomba. — Você está tentando impedir alguém de entrar ou alguém de sair?

— Ambos.

Eu não precisava olhar para sua expressão. Sua voz sozinha era ameaçadora de um jeito que me dava arrepios, se eu não estivesse tão acostumada a esse tipo de homem e suas maneiras ameaçadoras.

— Você ficaria pelo menos metade menos assustador se parasse de dizer essas coisas enigmáticas, — eu respondi, tentando soar como uma garota de dezenove anos que sabia o que ia acontecer. Tentando disfarçar minha incerteza com

esmagadora confiança.

— Eu sei.

Ok, então enigmático ia ser o tema da noite. Não é exatamente o que eu esperava do fotógrafo mulherengo. Ele era um intimidador. Ele intimidava outros, porque ele tinha sido intimidado mais cedo em sua vida. Ele não era ousado o suficiente para exibir esse tipo de comportamento quando os outros estavam ao 21

redor, apenas quando era um-a-um. Isso abriu uma outra janela para a psique do Sr. Hendrik: Ele era um covarde.

Eu gemi internamente. Covardes eram os piores. Não que houvesse uma faixa para o primeiro lugar quando se tratava da sujeira que eu lidava, mas ele teria capturado a medalha de ouro em Canalhice Masculina se eu pudesse entregar uma.

— Então? Hora da foto? Eu não me arrumei toda para nada. — História da minha vida de Eve.

— O que você quer beber? — Ele perguntou, andando a passo lento para uma mesa com uma coleção impressionante de vodcas. — Eu sempre gosto de tomar uma bebida antes de começar. Ela nos solta. Faz fotos melhores.

Também torna um inferno de muito mais fácil atrair uma garota para fora de sua calcinha. O Sr. Hendrik não estaria me atraindo para fora da minha calcinha naquela noite. Principalmente porque não era a noite dos Lençóis, mas também porque eu não estava usando uma.

— Estou bem. Eu sou uma peso leve, se eu bebo uma dose dessas coisas, eu estaria rindo e pulando no seu sofá como se fosse um trampolim. — Eu parei na frente de onde ele tinha a câmera ajustada em um tripé. O set não era nada além de um lençol preto como pano de fundo e uma banqueta de bar coberto de couro vermelho em frente.

— Aqui. Eu misturei esse com água com gás, — disse Hendrik quando ele atravessou a sala em minha direção com um copo alto.

Eu peguei e arrisquei um gole. Bastardo mentiroso. Se isso era vodca diluída, eu era a Miss Simpatia.

— Yum, — eu disse com um sorriso de plástico antes de colocar o copo sobre uma mesa. Aquela noite não era sobre deixá-lo pensar que se ele me embebedasse, intimidasse, ou impressionasse o suficiente, ele poderia me levar para a cama.

Tratava-se de torná-lo um escravo dos meus caprichos e palavras.

— Então? — eu levantei meus braços. — Onde é que você me quer, Sr.

Hendrik?

22

Eu não perdi seus olhos piscando automaticamente para a cama. Movi-me para a banqueta para reorientá-lo.

— Bem aí, — disse ele, apontando para o banco antes de correr de volta para o batalhão de garrafas.

— Apenas fique confortável, e vamos começar. E não me chame de Sr.

Hendrik. Me chame de Ian. Eu não sou seu professor de estudos sociais ou o melhor amigo de seu pai.

— O que você é então?

Ele se serviu de um copo de vodca. Sem gelo. Sem água com gás. Apenas um copo grande de álcool. A escolha de bebida de Ian me disse que ele queria abafar a realidade apenas o suficiente, ou que em algum lugar lá dentro, ele sabia que seduzir uma mulher quase menor de idade era errado. Ele precisava do álcool para anestesiar suas inibições. Ele precisava do teor alcoólico de coragem que vinha com isso.

Como isso era útil? Na noite dos Lençóis, eu teria certeza de que ele tivesse uma boa bebida ou duas nele. Eu era boa o suficiente no meu trabalho que eu provavelmente não precisaria de álcool como segurança, mas eu gostava de ter certeza que todas as minhas bases estavam cobertas.

Ian drenou metade do copo quando ele se aproximou da câmera. — Hoje à noite eu sou seu amigo. — respondeu ele, dando ao seu cabelo bagunçado uma sacudida rápida. Era o tipo de cabelo que uma menina tecia os dedos e dava um puxão rápido no quarto. Como a maioria dos meus Alvos, havia algo atraente sobre ele. Algo que o fazia irresistível e perigoso para as mulheres e, se eu tivesse sido apenas uma outra mulher a tropeçar no artístico e misterioso Ian Hendrik, eu provavelmente teria sido atraída por ele. Mas sabia o que corria sob sua superfície.

Eu sabia quem ele era e o que ele fazia. Eu sabia que ele tinha prometido uma eternidade de fidelidade a uma mulher só para quebrar essa promessa de todas as

maneiras quanto possível.

Ian Hendrik era quase tão apelativo para mim como férias na Antártida.

— E que tal amanhã à noite? — Eu levantei minha sobrancelha e dei a ele um olhar expectativo.

23

Ian sorriu enquanto ele ajustava algumas marcações em sua câmera. — Nós podemos ser o que você quer que sejamos amanhã à noite.

Exatamente.

Quando ele moveu para ajustar suas lentes, eu agarrei o laço do meu casaco e dei-lhe um puxão. Eu deveria estar lá para uma sessão de fotos, mas eu faria nenhuma. As únicas fotos que Eves voluntariamente permitiam com os Alvos eram aquelas que o Contato tirava na noite de Lençóis. Eu não queria ser nada além de uma memória quando eu desaparecia. Eu certa como o inferno não queria o Alvo fazendo um close-up da minha cara.

Uma vez que o laço estava desatado, eu deslizei fora do casaco e o joguei fora para o lado. Eu tive tempo de virar ao redor e me situar no banquinho antes de Ian levantar os olhos do mexer incessante na câmera. Quando ele fez, como esperado, sua boca caiu aberta antes dele se conter. Ele foi de chocado para expectante em um-ponto-dois segundos. Foi uma transformação impressionante.

— A última mulher que apareceu em minha porta vestindo nada além de um casaco não estava aqui para ser fotografada, — ele disse, correndo seus olhos dos meus pés à cabeça.

Engasguei de volta com o que eu queria responder e lembrei que eu deveria ser uma adolescente. — O que isso quer dizer?

Ele molhou seus lábios quando eu cruzei minhas pernas. — Isso significa que você é o tipo de garota que pula direto para a sobremesa.

— E o que faz você pensar quer eu sou esse tipo de garota?

Ele empurrou suas mãos em seus bolsos e se aproximou. — Porque eu sou esse tipo de cara.

Pelo menos ele tinha alguma coisa certa.

— Ok. Então o que toda essa conversa “sobremesa, esse tipo de garota, esse tipo

de cara” tem a ver comigo sendo fotografada?

— Isso quer dizer que nós podemos pular os fingimentos e chegar no porque você *realmente* está aqui.

24

A pele entre minhas sobrancelhas enrugou. — Para ser fotografada, como você prometeu, é por isso que eu *realmente* estou aqui.

— E você está pelada em um banquinho porquê? — Seu sorriso se insinuou mais alto em um lado.

— Porque eu pesquisei seu trabalho, e pelo menos metade das fotos que eu encontrei eram totalmente nuas. — Eu inclinei minhas cabeça. — Todo mundo sabe que não há nenhuma modelo que chegou onde ela chegou sem desnudar-se tudo de primeira. — Eu tinha trabalhado com Clientes que foram modelos anteriormente para saber que isso era uma história verdadeira.

— E foder alguns de seus fotógrafos em sua subida até o topo. — ele adicionou, parando na minha frente. Quando sua mão fixou no banquinho em cada lado meu, ele se inclinou.

Eu empurrei seu peito, canalizando minha diva adolescente interior. — Eww!

— Eu curvei meu nariz e dei a ele outro empurro quando ele se inclinou. — Fique longe de mim.

Depois do segundo empurrão, ele se afastou. — Por favor. É um pouco tarde para bancar a inocente. Você provavelmente tem estado com tantos caras quanto eu tenho estado com garotas.

Pulando fora do banquinho, eu marchei em direção ao casaco no chão e deslizei para dentro dele. — Talvez. Mas eu nunca estive com um cara que queria trocar fotografias por sexo. — Eu disse, apertando forte o cinto do casaco.

Ele deu de ombros preguiçosamente como se isso realmente não fosse grande coisa.

Eu passei meus olhos para baixo dele. — Ou estado com um cara com idade suficiente para ser meu pai.

Yep, certo que esse foi o maior insulto que eu poderia ter jogado para ele. Eu

poderia muito bem ter batido entre as suas pernas pelo jeito como o vento correu fora dele. Ele não disse mais uma palavra, provavelmente porque, em seu estado atual, palavras eram impossíveis.

Eu fiz meu caminho até a porta. Agradecidamente, sair foi muito mais fácil do que entrar. Enquanto eu marchava pelo corredor em direção ao elevador, um 25

sorriso se estabeleceu. Um genuíno. O Alvo estava no lugar certo. Exatamente onde eu precisava que ele estivesse. Um homem como Ian Hendrik precisava ser derrubado antes que eu pudesse trazê-lo de volta — tal marido, tal esposa — e a pela sua expressão, ele nunca tinha atingido o fundo do poço antes de eu derrubá-

lo lá.

Eu queria estar acabada com Ian Hendrik. Eu queria embrulhar esse rapidamente. Não só porque ele era um nojento de uma qualidade especial, mas porque quanto mais cedo eu terminasse com ele, mais cedo eu poderia ir para o Errand que eu realmente queria.

Mais cedo a vingança poderia ser servida com um lado de retribuição impiedosa.

EU SEMPRE ODIEI os Errands onde eu posava como uma adolescente. Por razões óbvias, é claro, mas também porque significava que o carro que eu dirigia pela cidade não era o Europeu luxuoso a que eu estava acostumada. O carro de Seattle era um Acura cupê esportivo. Era uma coisinha rápida, mas que deixava muito a desejar.

Eu mal tinha feito duas quadras do estúdio de Ian quando o meu telefone G

tocou. A mulher tinha um sexto sentido quando era sobre quando as Eves dela poderiam atender.

— Bom dia, Sheila G — Eu cumprimentei no meu melhor sotaque Australiano.

Um suspiro seguiu. — Você alguma vez vai atender o telefone normalmente quando eu ligo?

— Eu não sei. Você alguma vez vai ligar para discutir coisas normais? — eu sorri enquanto eu acelerava na rampa de acesso.

— Quando você está fazendo isso a tanto tempo quanto eu, isso é normal, — ela respondeu.

26

O dia em que eu alguma vez começar a me sentir como se o que falamos e fazemos é “normal” era o dia em que eu entregaria a minha demissão. Não importa o quão pouco ou muito eu tinha guardado nas minhas contas.

— A que devo a honra de um telefonema alguns dias depois de uma visita em pessoa? — Se fosse G tentando me micro gerenciar depois de anos basicamente me deixando levar o meu próprio show, isso não iria funcionar. — Eu ainda não fechei o Errand Hendrik se é isso o que você está querendo saber.

— Não é por isso que eu estou ligando, mas já que mencionou, como está o Sr. Hendrik?

Meu humor escureceu só de pensar nele. — Deixa eu colocar desse jeito —

ele é o tipo de homem que me faz desejar que eu tivesse nascido com fiação que oscilasse para o outro time.

G riu algumas notas. — Isso se aplica a todo Alvo que nós já tivemos que trabalhar, minha querida.

Palavras para a vida...

— Então o que está acontecendo? — Eu perguntei.

— Nosso Dez está acontecendo.

Meu coração parou, então bateu forte de volta para vida — e não de um jeito carinho e romântico. O oposto disso. — Henry? — Eu mordi minha língua e dei um tapa na minha coxa, mas eu não podia pegar de volta aquela única palavra.

G ficou em silêncio por alguns momentos, me fazendo bater em minha coxa de novo. Se eu continuasse fazendo esse tipo de erro elementar, eu perderia o Errand antes de ter colocado minha bunda no Cumprimento.

— Desde quando você chama um Alvo pelo primeiro nome antes mesmo de tê-lo conhecido?

Desde nunca era minha resposta imediata. — Desde que nós pousamos em um Dez, e eu estou um pouco em águas inexploradas. Eu estou um pouquinho animada. — Eu me perguntei se minha resposta soou tão fabricada como parecia.

— Então me culpe.

27

— Eu só poderia se você fizesse uma bagunça, — G respondeu, soando tão condescendente quanto podia. — Este é um grande Errand, eu entendo isso. Se você cometer alguns deslizes, apenas tenha certeza de que sejam comigo, e não com o Sr. Callahan. Nós não podemos nos permitir nem mesmo um deslize com o Alvo em um Errand tão grande.

Ela não estava me dizendo nada que eu já não soubesse, então fiquei em silêncio. Meu papel nesse Errand seria especialmente complicado, porque eu não estava apenas enganando o Alvo. Eu também estava enganando G.

G continuou. — Eu acabei de ouvir da Cliente que a viagem de negócios do Sr. Callahan terminou mais cedo que o antecipado. Seu voo acabou de pousar.

— Sim?

— Então adivinhe qual red-eye1 você vai pegar tarde esta noite?

De um Errand direto para o próximo. Se esse tipo de vai e volta era de se esperar, eu precisaria ser cuidadosa para manter meus Errands na linha. — Aquele de Seattle para San Francisco?

— Seu voo sai em uma hora, — ela respondeu. — É melhor você se apressar.

Ao invés de pegar a saída que eu estava planejando, eu continuei correndo pela autoestrada em direção ao SEA-TAC2. — Correndo. — Senti uma nova onda de adrenalina pingar em minhas veias. — O que você quer que eu faça sobre o Errand Hendrik? — Eu não teria me importado muito se ela dissesse para colocá-

lo na pasta deletar do cérebro e esquecê-lo, mas esse não era nosso estilo. A reputação das Eves não foi construída por abandonar os Errands; tinha sido construída por fechá-los.

— O Sr. Callahan está nos EUA somente por um par de dias antes de voar para fora do país em outra viagem de negócios, — G respondeu. — Use estes dois dias para estudar suas rotinas, talvez até para a fase de Cumprimento se você

acha que a oportunidade está boa. Você estará no primeiro avião de volta para Seattle logo que o Sr. Dez pegue o dele.

1 Referente aos voos comerciais noturnos nos EUA.

2 Nome do aeroporto de Seattle.

28

— Soa como se eu vou estar acumulando muitas milhas de passageiro frequente, — eu brinquei, mantendo o suspiro que queria ser liberado. Vai e volta, trabalhando múltiplos Errands ao mesmo tempo, exigindo vingança contra um ex-namorado que passou a ser um poderoso bilionário casado... Era o suficiente para fazer uma garota querer enrolar-se e hibernar.

— Cinquenta e oito minutos — G disse em uma voz melodiosa antes de desligar.

Conversa normal? Infernos, eu poderia ter sido apaziguada com um tchau normal.

Eu fui até o SEA-TAC, estacionei o Acura, e estava embarcando no voo 3910

para San Francisco cinquenta minutos depois. Eu não tinha nada além das roupas do corpo, a minha bolsa e minha pasta. Roupas poderiam ser compradas; Produtos de higiene pessoal poderiam ser rastreados. Mas a vingança... não podia esperar.

Eu escorreguei em um sono estranhamente calmo antes de o avião levantar da pista.

29

EU TIVE APENAS duas horas de sono, e eu nunca tinha me sentido mais energizada. Vingança era uma coisa estranha — poderia motivar uma pessoa como nada mais poderia. Era minha opinião que as pessoas que não tinham motivação na vida tinham um déficit de vingança. Esse não era meu problema, no entanto.

Quando se tratava de vingança eu tinha um superávit abundante.

G não tinha alugado apenas um condomínio pretensioso na praia para mim; havia um chamativo Mustang antigo vermelho estacionado do lado de fora do condomínio. Era um conversível perfeito. E ainda era rápido. Eu não precisava olhar sob o capô para ter certeza. Algumas coisas eram óbvias.

Já que era quase hora do nascer do sol quando enfim terminei de tomar banho e me trocar, eu não tive tempo para me familiarizar com o meu novo doce apartamento. Se eu quisesse pegar Henry sozinho, eu sabia exatamente onde encontrá-lo. As anotações que a Sra. Callahan forneceu eram úteis, com certeza, mas Henry era uma criatura de hábitos. Suas corridas matinais na praia eram um desses hábitos.

Cinco anos atrás, essas corridas abrangiam o litoral de San Diego. Eu tinha me juntado a ele em muitas. Avançando rápido alguns anos e algumas centenas de milhas da costa, ao norte, e Henry Callahan e eu estávamos prestes a ter um momento dejavu.

G poderia ter preferido que eu tomasse um par de dias para ficar longe e observar Henry, mas isso era como mandar um tigre sentar e ficar parado enquanto 30

um cordeiro passava. Não, sentar nas arquibancadas por qualquer quantidade de tempo nesse Errand não ia acontecer.

Depois que eu deslizei para dentro do Mustang, eu virei a chave na ignição.

Eu não pude evitar o sorriso que se formou quando o motor rugiu para a vida. Eu também não podia deixar de acariciar o painel carinhosamente. Eu já tinha visto alguns carros doces em minha vida, mas esse batia qualquer um. Era apenas temporário, é claro, e só selecionado porque o arquivo de Henry observou que ele era um fã de carros clássicos. Mas por enquanto, eu iria esquecer tudo isso e apenas desfrutar o momento aleatório feliz. Essas eram as únicas alegrias que eu experimentava.

Uma vez que eu tinha deixado de lado meu caso de amor unilateral com o carro, eu sai da garagem e fui em direção ao norte. A Mansão Callahan à beira-mar ficava a cerca de cinco milhas da costa, em uma parte da cidade que parecia que as calçadas poderiam ter sido pavimentadas com ouro. Se G quisesse pousar as Eves em outro Dez, tudo o que eu tinha a fazer era patrulhar esse trecho do litoral norte da Califórnia. Eu duvidava que alguém por aí teria feito menos que Dez.

Após cruzar pela Callahan e o resto das mansões do tamanho de um estádio de futebol, eu passei um par de quilômetros ao norte até chegar em um parque público. O estacionamento estava tranquilo, exceto pelos vários carros e uma van Volkswagen Hippie com um par de pranchas de surf no telhado.

O ar estava frio nas minhas pernas, me deixando feliz por ter vestido um suéter. Depois de marchar poucas centenas de metros abaixo da praia, eu abri o meu cobertor e me sentei para desfrutar da manhã. Ou fingir desfrutar da manhã.

Eu não estava lá para a manhã de sol — eu estava lá para atrair um ex-namorado em minha teia.

Como eu sabia que Henry faria a primeira etapa de sua corrida ao Norte?

Porque ele sempre começava sua corrida de praia em direção ao norte. Ele corria alguns quilômetros ao norte antes de se virar e voltar. Ele dizia que ir para o sul sempre parecia um pouco mais trabalhoso, e ele gostava de deixar a parte mais difícil para o final.

31

Deixar a parte mais difícil para o final era um conceito novo para mim. Vida

—e todos os seus pedaços e peças — sempre pareceu ser a parte mais difícil para mim. Exceto por essa parte. A parte da vingança.

Essa parte era muito divertida.

As ondas tinham quase me embalado em um transe quando uma figura familiar movimentando-se pela praia chamou minha atenção. Sua cabeleira saltava com todos os outros passos, e enquanto seu andar era familiar, o ritmo desacelerou. Mesmo à distância, eu podia ver que ele tinha emagrecido. Henry nunca foi um colírio musculoso, mas ele estava muito longe de ser magricelo. Então o tempo não foi gentil com o corpo do jovem corredor que eu me lembrava. Isso deveria ter me deixado muito feliz, mas a primeira emoção que senti foi algo que pesou na escala triste.

No momento em que isso foi registrado, me dei um beliscão forte no braço e torci. Eu deveria ter seguido com um tapa no rosto. Eu não podia acreditar que eu senti qualquer tipo de remorso por Henry Callahan.

Eu esperava que o rosto que costumava me fazer suspirar e ofegar—

dependendo de sua expressão — tivesse visto o mesmo desgaste que seu corpo tinha. Quanto mais ele se aproximava, no entanto, revelou-se que seu rosto era tão digno de suspiro como tinha sido quando nos conhecemos.

Bem, merda.

Mas eu sabia o que se escondia por trás daquele rosto, do que aquela pessoa era capaz, e eu não cairia por aquela fachada agradável aos olhos.

Logo que eu estava prestes a levantar e "casualmente" serpentear até a praia para encenar o nosso encontro totalmente casual, notei a figura de quatro patas igualmente familiar movimentando-se ao lado de Henry.

Mas não antes do cão gigante me notar. Com um latido baixo e estrondoso, a

Dogue Alemã mudou de direção e arrancou em direção a mim, levantando aglomerados de areia. Ouvi Henry chamá-la algumas vezes antes de trotar atrás do cão. Eu estive antecipando nosso encontro desde a noite em que terminei de ler seu arquivo, mas quando Henry Callahan correu em minha direção, tudo o que eu tinha planejado — meu plano de jogo inteiro — voou com a brisa do mar. Eu me 32

senti como a mesma menina com a língua presa, estupefata que eu tinha sido quando nos conhecemos.

Yeah, isso não ia acontecer.

O cão gigante derrapou até parar na minha frente, ofegando na minha cara e chicoteando sua cauda ao redor. A combinação do cão e Henry estava fazendo um trabalho em mim. Mordendo dentro da minha bochecha, eu me forcei a evocar a imagem de Henry na cama com outra mulher. Concentrei-me naquela imagem até que eu senti um pingo de dor em minhas veias. Depois de alguns segundos, todos os vestígios de choque tinham ido embora. Muito *longe*.

Bem a tempo também.

A corrida leve de Henry abrandou quando ele se aproximou. Eu mantive meus olhos apertados na areia e continuei a acariciar a cabeça do cão, esperando que isso me acalmasse.

— Desculpe-me — disse ele.

Fazia anos, mas eu ainda não gostava de ouvir aquelas duas palavras saírem de sua boca. Isso quase meu deu um TEPT3.

— Molly, pare com isso — Henry ordenou enquanto o cão me lambia com sua língua enorme. — Venha aqui. — Ele bateu nas pernas enfaticamente. O cão só me lambeu mais rápido.

— Ela ainda não o escuta — eu disse, mudando a cabeça para fora da sombra do cão para que Henry pudesse vê-la.

A frase, *você parece que acabou de ver um fantasma*, caiu na minha frente.

Seu sorriso descontraído congelou junto com o resto de seu corpo. Seu rosto

bronzeado empalideceu alguns tons, e ele me estudou como se eu não fosse real.

Tive o cuidado de não olhar nos olhos dele. Eu não confio em mim para olhar para aqueles olhos castanhos. Aquele sorriso e aqueles olhos tinham rasgado pelas minhas defesas quando nos conhecemos, e eu não queria arriscar uma repetição.

Então eu me concentrei na ponta de seu nariz, ou nas sobrancelhas, ou nas 3 Transtorno de Estresse Pós Traumático.

33

cavidades escuras sob seus olhos. Qualquer coisa era preferível a olhar nos olhos de Henry Callahan novamente.

— Eve? — Ele disse finalmente, soando tão abismado quanto parecia. —

Evie?

Eu me encolhi internamente. Ninguém me chama pelo meu nome de batismo em anos — pelo menos não como um nome e não uma profissão — e isso me bateu com o impacto de uma bola de demolição. Não, a ironia de que meu nome corresponde a minha carreira não foi perdida por mim. Eu estava nadando em um mar de ironia.

— Henry — eu disse lentamente, trabalhando em um sorriso que caiu por terra. Deixar o Errand ficar pessoal foi me deixando fraca, mas também era o que iria manter minha força. Quando o Errand fica longo e árduo — como G e eu sabíamos que seria — a faca da vingança iria me manter forte. Era a primeira vez, mas eu teria que encontrar um equilíbrio entre o pessoal e o impessoal. Essa era a única maneira que isso iria funcionar. Eu tentei outro sorriso. Aquele ficou no lugar e não me parecia tão artificial. — Muito tempo sem nos vermos.

Então ele fez algo que eu não esperava. Ele se ajoelhou ao meu lado, abrindo caminho passando por Molly, e envolveu ambos os braços em volta de mim. Ele me puxou para perto. Foi doloroso no início, como se o seu toque fosse radioativo, e então eu comecei a derreter. Na verdade, eu senti um soluço que ameaçou sufocar minha boca.

Que diabos? Quem era eu, e onde foi a melhor Eve no negócio?

Ahh, isso é certo. Derreter sob o abraço de um ex que foi apanhado com uma outra mulher na cama que nós costumávamos compartilhar. Se já não fosse evidente, eu realmente era uma causa perdida.

— O que você está fazendo? — Eu sussurrei depois de ter certeza que nenhum dos soluços escaparia. Eu podia ter derretido sob seus braços, mas eu certamente não era idiota o suficiente para retornar seu abraço.

Ele me apertou um pouco mais forte antes de inclinar a cabeça na direção da minha orelha. — O que você não me deu a chance de fazer a última vez que te vi. — Sua voz era a mesma mistura de suave e forte. — Me desculpar.

34

Eu vacilei e tentei tecer fora de seu abraço. — Eu me lembro de uma longa sequência de *Eu sinto muito* enquanto você me perseguia com um lençol enrolado em volta de sua cintura e o batom de outra garota em seu pescoço.

Droga. Levando com todo o ato "cadela amarga" certamente não me conseguia em suas melhores graças.

Henry me soltou, me deu um sorriso triste, e se sentou ao meu lado quando deixou escapar um longo suspiro. — Você fugiu naquele dia, e eu nunca vi você de novo. Você nunca me deu uma chance de explicar.

Exalei acentuadamente. — Confie em mim, o que eu encontrei foi toda a explicação que eu precisava.

E strike dois. Mais um, e eu estaria fora do jogo. Já que eu parecia incapaz de dizer qualquer coisa sem amargura para ele, eu só tinha que ficar quieta ou praticar aquela coisa toda de pense-antes-de-falar.

— Evie—

— Eve, — eu interrompi, lançando a ele um olhar. — Não me chame de Evie nunca mais.

Ele suspirou e balançou a cabeça. — Eu sinto muito, Eve. Eu sei que é apenas um monte de palavras superficiais para você agora, mas se você estiver disposta a me dar a oportunidade de explicar, eu adoraria essa chance.

Mordi minha língua e levou um momento antes de responder. — Com toda a justiça, Henry, sua explicação poderia incluir o seu corpo ser invadido por um alien e você não ter controle sobre isso, e isso não mudaria nada.

Essa era a verdade. O *motivo* por trás de suas ações não mudaria onde acabamos. Isso não mudava a pessoa que eu era ou a pessoa que ele era.

Explicações, na minha opinião, eram sempre muito pouco, muito tarde. Homens que mantiveram-se em suas calças, em primeiro lugar não precisavam de

explicações.

— Você está certa. Talvez não mudaria nada. — Seu olhar se desviou do brilho do oceano para mim. Eu não tinha necessidade de olhar em seus olhos para sentir sua intensidade. — Mas talvez mudaria tudo.

35

Ele sempre foi bom com as palavras. No entanto, esse não era o meu primeiro rodeio com Henry Callahan, e eu conhecia todos os seus truques. Nem as suas palavras, nem a maneira como ele as dissesse fariam minha respiração parar.

Já que aquele tema de conversa era como tentar tecer através de um campo de minas terrestres, eu desviei a conversa. Dando tapinhas na cabeça do cachorro

— ela agora estava descansando ao meu lado — sorri para ela. *Aquele* sorriso eu não tinha que fingir. — Como esta garota Molly está indo?

Depois de alguns momentos, Henry me seguiu na mudança de assunto. —

Ficando velha. — Ele coçou a barriga tamanho barril dela, fazendo-a ficar de pernas para o ar. — Eu não tenho certeza qual de vocês reconheceu a outra antes.

— Provavelmente foi eu. É difícil esquecer a cara de um cão que mastigou cada par de sapatos em seu armário quando era um filhote.

História verdadeira. Apesar de que para garantir que sabíamos que ela nos amava de forma igual, ela mastigou cada um dos de Henry também.

— Ela ainda tem um dos seus velhos tênis enfiado em sua cama. Está tão surrado e furado, eu continuo esperando que ele se desintegre, mas eu não duvido que Molly morderia minha mão fora se eu tentasse tirá-lo.

Ela ainda tinha um pedaço de mim. Um pedaço de mim—velho, surrado, e prestes-a-desintegrar—ainda estava na vida de Henry. Eu não conseguia decidir como eu me sentia sobre isso, então fiquei quieta e deixei Henry preencher a lacuna no silêncio constrangedor.

— Você vai arrancar minha cabeça se eu te fazer uma pergunta? —

Perguntou.

Olhei para o horizonte e ergui um ombro. — Depende da questão.

— O que você está fazendo aqui?

Essa foi uma pergunta capciosa. Eu tinha tantas respostas para essa pergunta, todas verdadeiras, que eu tinha que classificar algumas respostas antes de decidir por uma adequada. — Aqui na praia em uma hora profana ou aqui no norte da Califórnia? — Eu casualmente deslizei um pouco mais longe dele. Eu não sabia se ele tinha feito isso deliberadamente ou não, mas ele estava um pouco perto demais.

36

— Os dois aqui.

Claro que os *dois aqui*.

— Eu estou aqui esta manhã, porque não conseguia dormir e achei que uma caminhada ao longo da praia seria bom, e eu estou aqui no norte da Califórnia para trabalho. — Ambas as respostas eram verdadeiras, embora eu possa ter omitido alguns dos detalhes.

— Trabalho? Onde? Quanto tempo agora?

Ele estava tão curioso e ousado como eu me lembrava. Era cativante. Era também enfurecedor.

Manter as coisas vagas, eu me lembrei. — Eu sou contratada de uma empresa de desenvolvimento de software. Trata-se de um contrato de seis meses que eu apenas comecei.

— Eu provavelmente conheço cada pequena empresa iniciante e império gigante de software no estado. Para quem você está trabalhando?

Sua esposa. Eu levantei uma sobrancelha em resposta.

Ele sorriu na areia e deu um aceno de cabeça. — Qual é o projeto?

Você. Eu levantei minha outra sobrancelha.

Ele riu nessa vez. — Tão secreta. Isso deve ser algo inovador. Ou então você está trabalhando para o governo.

— Ou talvez eu estou trabalhando para um de seus concorrentes — disse eu, percebendo meu deslize um segundo tarde demais.

É claro que Henry não o perdeu. A pele entre as sobrancelhas alinharam. —

O que faz você pensar que eu tenho concorrentes na indústria de software?

Droga. Eu não tinha tido nenhum contato com Henry desde o nosso primeiro ano de faculdade. Exceto saber que ele era o tipo de gênio-geek de computador que fazia os engenheiros de software da Microsoft parecem um bando terrível, eu *não deveria* saber nada sobre a carreira pós-faculdade de Henry. E eu não teria se eu não tivesse estudado e memorizado cada pequeno detalhe no arquivo que sua esposa tinha reunido para mim.

37

Era uma coisa boa que eu tinha sido treinada para ser rápida. Um pequeno sorriso ergueu no lugar. — Porque você estava programando C++ em seu sono quando você estava na primeira série. Se você não possui a sua própria empresa que outras empresas só podem sonhar em competir, então você deve ter feito uma lobotomia em algum lugar ao longo do caminho. — Eu tive que fazer uma pausa e respirar fundo antes de falar a próxima parte. — O menino que eu sabia que estava destinado à grandeza.

Essas palavras picaram por duas razões. Um, porque eu odiava dizê-las, apesar de saber que qualquer homem, *todo* homem, ansiava por pessoas que acreditam que eles foram destinados para algo grande. E dois, porque ao mesmo tempo, eu acreditava de todo o coração. Henry Callahan era um cara com quem qualquer um poderia ter uma conversa de um minuto e ir embora sabendo que grandes coisas estavam no horizonte para ele.

Como esperado, a sua expressão se suavizou um pouco enquanto o seu sorriso levantou. A palidez de sua pele parecia iluminar quando os ombros levantaram uma ou duas polegadas, como se uma mochila pesada tivesse acabado de ser removida. — Você está certa sobre uma dessas duas coisas. Eu estava programando C++ na primeira série. Mas toda a coisa de destinado a grandeza...

já se foi a algum tempo.

A tristeza em sua voz era inconfundível. O peso voltou para os ombros, quando a cor fresca drenou de seu rosto.

— Por que isso? — Perguntei, genuinamente curiosa. Nada no arquivo de Henry entregou que ele falhou em algum lugar ao longo do caminho, então por que ele parecia como se ele nunca tivesse sido mais inferior?

— É uma longa história, — disse ele em torno de um suspiro. Seus olhos fizeram o seu caminho para mim novamente. Eu quase me movi sob seu escrutínio.

Eu tentei uma pequena risada para difundir a intensidade. Isso falhou. — E

você diz que eu sou a misteriosa? — Eu ri mais algumas notas. Não. Está.

Funcionando. — O que aconteceu com o cara livro aberto que eu me lembro? — *E, obviamente, a cama aberta de um político*.

— Tudo. — Sua voz era tão forte como era fraca. Tudo sobre Henry era diferente, mas o mesmo. Ele era um fantasma do homem que eu me lembrava.

38

Mas então, eu era um fantasma da garota que eu tinha sido também. A vida tinha nos transformado em sombras.

Ok, chega com o profundo. — Então o que você tem feito? Além de ser misterioso?

— E além de programar C++ dormindo?

Ele se juntou a mim na metade da minha risada. Foi uma genuína dessa vez, o que me fez sentir dor de novo. Rir com Henry trouxe de volta muitas memórias boas, e foi doloroso.

— Após a faculdade, comecei a criar uma empresa pequena de desenvolvimento de software. — Ele deu um meio encolher de ombros.

Ele ainda era modesto, ou humilde, ou excepcional em manter as aparências.

— E esse novo negócio ficou pequeno por quanto tempo? Um ano? Talvez dois?

Henry sorriu na areia. —Ficamos públicos oito meses após a abertura.

De iniciante, à abertura de capital, a passar a valer bilhões.

— Menos do que eu esperava, — eu murmurei.

— E você? O que você tem feito desde aquele — Eu não perdi ele casualmente olhando para minha mão esquerda — aquele dia em que você pareceu cair da face da terra?

Você quer dizer o mesmo dia em que eu encontrei você nu na nossa cama com uma mulher estranha? Eu consegui manter minhas observações mordazes para mim mesma. Progresso.

— Eu transferi de faculdade, me graduei, e tenho sido contratada desde então. — Tudo isso é verdade. A minha carreira só não incluía ficar sentada na frente de um computador como eu sabia que Henry acreditava.

— O que tem feito além de trabalhar? — No entanto, outro olhar para a minha mão esquerda.

Eu não sei se ele estava esperando um anel aparecer magicamente, ou se perguntando se algum tinha estado lá recentemente, ou apenas lembrando o anel de noivado que ele tinha me dado anos atrás. — Eu não sou casada. Também não fui antes, nem planejo ser a qualquer momento no futuro.

39

Suas sobrancelhas se juntaram. — Por que não?

Eu exalei. — As estrelas não se alinharam. — O sarcasmo no seu melhor.

— Não é porque você *não está* casada. — Henry me cutucou de leve. — Por que você não quer no futuro?

Uma imagem gravada em minha mente saltou para frente. Eu quase estremeci. — Porque um cara que eu costumava amar me desligou para todo o conceito.

Henry não conteve seu estremecimento. Foi tão intenso, que parecia doloroso. Quando ele se recuperou, sua boca abriu, e então seu telefone tocou no bolso de sua bermuda. Ele deslizou o telefone, olhou para ele, e suspirou.

— Chamada ruim? — Eu imaginei.

Apertando ignorar, ele deslizou de volta no bolso. — São todas nestes dias.

— A sua empresa está sendo atingida devido à economia? — Perguntei, embora eu soubesse que não estava. A empresa de Henry era uma das poucas empresas de TI que prosperavam em um mercado chafurdado.

— Não... exatamente. — Ainda liderando a coisa de humildade. — Nós temos sido extremamente afortunados.

— Então, qual é o negócio com todas as chamadas ruins?

Seu rosto enrugou como se ele estivesse procurando apenas o jeito certo para colocar isso.

— Mais dinheiro, mais problemas? — Sugeri.

Ele sorriu. — Algo como isso. — Para provar isso, o telefone de Henry tocou novamente.

— Parece que você está ocupado. — Levantei e espanei a areia fora de mim.

— Vou deixar você voltar para o seu dinheiro e problemas.

Henry apareceu ao meu lado, apertando ignorar em seu telefone novamente.

— Eu poderia usar uma cabeça afiada em tecnologia no meu time, Eve. Seja qual for o preço por hora que essa empresa *ultra secreta* que você está contratada está dando a você, eu poderia dobrar.

40

Eu levantei minha mão.

— Tripl —

— Obrigado — eu disse, interrompendo-o, — é tentador, mas... — Eu me contive logo antes de atirar *que eu aposto que sua esposa não amaria uma ex vir trabalhar para você*. Tecnicamente, eu não sabia que Henry era casado, e eu não perdi a ausência de um anel de casamento na mão esquerda. Se isso era porque ele não gostava de se exercitar com ela, ou porque ele tinha esquecido sobre a mesa de cabeceira, ou porque ele tinha perdido, ou por causa de qualquer uma das dezenas de explicações possíveis, uma coisa era certa: Eu precisava obter e manter um controle. Um deslize, e estava tudo acabado.

— Tentador, mas...? — Ele estava esperando.

Limpei a garganta e dei um passo para trás. O vento tinha mudado, e nessa proximidade, eu podia sentir o cheiro de Henry, os mesmos cheiros que eu tinha me apaixonado. — Tentador, mas você me conhece. Eu não posso largar um projeto mais cedo. Eu tenho que vê-lo completo, ou nunca vou me perdoar.

— Ainda teimosa?

— Sempre.

Henry me estudou com um pequeno sorriso por alguns segundos. Ele puxou a carteira do bolso e tirou um cartão de visita dela. — Se você mudar de ideia, aqui está o meu cartão. Ou, você sabe, se você quiser mesmo apenas sair e conversar.

Tem o meu número privado. Sinta-se livre para usá-lo.

Peguei o cartão e lancei-lhe um sorriso. Menos de cinco minutos no Cumprimento e eu já tinha um cartão com seu número de telefone privado. Talvez o Errand Callahan fosse mais rápido do que eu esperava.

— Foi bom vê-la, Evie. Quero dizer... Eve. — Henry começou a ir de volta para

baixo da praia. Ele bateu nas pernas para Molly, mas tudo o que ela fez foi descansar a cabeça em suas patas e fechar os olhos.

Eu tive que dar-lhe algumas cutucadas antes que ela fosse com ele, embora ela não saísse até que ela tinha me dado uma última lambida babada. Eu provavelmente não deveria tê-los assistido continuarem a sua corrida, mas eu fiz.

Eles eram a única parte do meu passado que eu tive contato em anos. Ao mesmo

tempo, eles foram a parte mais importante da minha vida. Suspirando, eu finalmente afastei meu olhar. Não havia tempo para nostalgia.

Ele estava a muito fora do alcance da voz, quando eu respondi. — Vejo você em breve, Henry.

ERA O PRIMEIRO dia do trimestre da primavera no meu ano de caloura na faculdade. O instrutor tinha nos dito para fazer dupla com alguém que poderíamos trabalhar durante o semestre. Sendo a única mulher na classe, eu sabia que eu tinha uma boa chance de alguém pedir para ser minha dupla como eu tinha de curar a fome mundial. Pelo menos, alguém pedindo para ser meu parceiro sem a expectativa de dormir comigo. Eu tinha aprendido durante o semestre que os homens tinham um tipo geral de direito quando se tratava de TI, e o único papel apropriado para uma mulher na área era o de recepcionista.

Eu estava sentada na minha mesa de laboratório, cabeça apoiada na minha mão, sem parceiro, quando alguém parou atrás de mim. Mas ele não era somente

“alguém”. Era Henry Callahan. Todos no campus sabiam quem ele era. Ele era notório com as garotas, porque ele era agradável aos olhos e tinha mais dinheiro que Deus, e ele era o favorito entre os caras, porque onde quer que Henry fosse, as garotas iam também.

Nós dois éramos graduandos em TI, mas tínhamos compartilhado apenas algumas classes. As únicas vezes que eu via Henry Callahan era de passagem, ou do outro lado da sala, com os “festeiros”, enquanto eu me encontrava com os “não festeiros”.

— Olá, — ele disse, lançando um sorriso que fez meu coração saltar.

— Olá, — eu respondi, caracterizando pela pior resposta na história dos cumprimentos. Enquanto eu sentava lá, ponderando por que Henry Callahan estava parado na minha frente com um sorriso, eu tentei surgir com alguma coisa para falar. Alguma coisa além de *Olá*.

— Posso ser seu parceiro? — ele perguntou.

42

Mesmo no momento, suas palavras me surpreenderam. Ele não estava apenas aberto a parceria com a única mulher — apesar de cada outro homem na classe assumir que meu gênero me fazia uma idiota em TI — ele estava pedindo.

Pedindo a mim se eu queria ser sua parceira de laboratório, não o contrário.

— Se você não se importa de estar selado com uma pária social por todo o trimestre — eu olhei para o banquinho ao meu lado — sem dúvida.

Henry deu de ombros e sentou. — A única razão para eu não ser um pária social é porque o nome do meu avô está em um dos prédios daqui, então eu acho que isso é destino.

Altamente duvidoso. Henry não era exatamente qualificado como o cara-mais-quente-do-ano, mas ele tinha um atrativo despretensioso que tinha a atenção das garotas, e ele também tinha uma daquelas personalidades que pareciam fazer amigos em todo lugar que ele fosse. Ter dinheiro certamente não era a única coisa que mantinha pária social e Henry Callahan afastados. A lista era longa.

Girando em seu assento, ele estendeu sua mão. — Eu sou Henry—

— Eu sei quem você é, — Eu interrompi, mordendo minha língua algumas palavras tarde demais.

Seu sorriso curvou-se no lugar. — Você sabe, eh?

Minha mente, agradecidamente, trabalhava rápido mesmo naquela época. —

É meio que difícil não conhecer a pessoa que sozinha, foi responsável por subir a média da classe. — Eu sou Eve—

— Eu sei quem você é, — ele repetiu, seus olhos brilhando. — Nós temos tido quatro classes juntos, você gosta de sentar na última fila, você é a melhor programadora de JAVA no departamento, e você veste vermelho toda Sexta.

Dizer que eu fiquei chocada por Henry saber meu nome era um eufemismo.

Perceber que ele, na verdade, sabia detalhes sobre mim... bem, isso era um pouco desconcertante.

— Você nunca disse oi para mim, — eu disse.

— Eu sei, — ele respondeu — mas hoje eu estou me sentindo valente.

43

Minhas sobrancelhas se uniram. — O que valentia tem a ver com dizer *Hey* para alguém?

Esse foi o momento; a primeira vez que os seus olhos travaram nos meus de um jeito que me chocaram. Isso me deixou sem ar enquanto fazia meu coração irromper em uma parada.

— Quando se trata de uma garota como você, valentia é sempre exigida.

44

EU ESTAVA ACUMULANDO algumas milhas aéreas. Eu me sentia como se tivesse passado mais tempo no ar do que no solo nessa semana. Depois de receber uma rápida ligação de G para me avisar que Henry tinha partido em uma viagem de negócios de última hora (mais uma vez), eu estava no avião de volta para Seattle.

Eu tinha que fechar o Errand Hendrik *tres vite4.* Expressão de G, não minha.

Dado que Ian Hendrik era um tipo especial de desprezível, tê-lo na cama seria mais fácil do que o Errand Silva. Saber disso era uma benção e uma maldição.

Seattle estava esperando por mim bem do jeito que eu tinha deixado: sombria e cinza. Quanto mais tempo eu passava aqui, mais eu entendia porque tão poucos rostos tinham sorrisos. O tempo realmente não sustentava sorrisos.

Tão logo eu pisei fora do avião, apressei-me para a garagem de estacionamento. Eu estou com pressa desde minha última noite em Miami. Meu coração está batendo em alta velocidade desde então. Eu sabia exatamente onde Ian Hendrik estaria, e a fim de ter o caso encerrado rapidamente, eu precisava estar lá também. Se tudo for como planejado, eu contataria a Sra. Hendrik naquela tarde com o solene S para que ela deixasse seu Contato pronto, para onde e quando ainda a ser determinado, amanhã à noite.

Uma vez que eu deslizei dentro do Acura, eu rasguei através da garagem e fui em direção ao sul. Ian não era apenas um fotógrafo de moda, um macaco galanteador, e o covarde mais arrogante que eu já tinha conhecido, ele também gostava de tentar suas mãos na pista de corrida amadora no Sound. Então, o que esse pedaço de informação significa para mim?

Isso quer dizer que eu era a mais nova membro do Speedway Sound Track e uma concorrente atrasada para a corrida daquela noite. Se eu soubesse que eu 4 Muito rapidamente.

45

estava indo para um Errand que eu teria que correr com o Alvo, eu teria pedido algo com mais cavalos de potência e mais rápido na arrancada. O Acura era rápido, mas eu não ia apenar correr — eu precisava vencer. No intuito de irritar Ian de um jeito que o deixaria positivamente maluco, eu não tinha que apenas

“coincidentemente” estar interessa em suas atividades, eu tinha que chutar sua bunda. Homens odeiam isso tanto quanto amam. Uma mulher ganhando deles em seu próprio jogo era algo que eles não conseguiam decidir como se sentir sobre.

Enquanto Ian estivesse tentando descobrir isso, eu ia ajudá-lo a compor sua mente.

Era quase crepúsculo quando eu passei pela entrada da frente do Speedway Sound. Havia cerca de uma dúzia de carros alinhados na linha de partida, e uma grande parte da arquibancada estava ocupada com fãs barulhentos.

O carro de Ian não era difícil de perder. Era o maior e mais chamativo, além disso, tinha uma multidão de mulheres pouco vestidas e escandalosas em torno dele. Poderia o cara ser mais clichê?

A resposta para essa questão era sempre sim.

Uma sirene estridente soou, e um por um, os fanáticos por carros e as tietes de pilotos fizeram seu caminho em direção as arquibancadas. Contando com meu Acura, um total de dez carros estavam correndo aquela competição. Todos os outros motoristas eram homens. Alguns deles lançaram sorrisos cheios de sujeira para mim, como se fosse fofo eu até mesmo me considerar digna de correr contra esses homens gigantes. A ironia? Esses “deuses” da corrida tinham sido lançados no meio de uma competição em uma liga amadora de corrida nos arredores de Seattle.

Nós não estávamos em Daytona, pessoas.

Eu estudei a pista, rolei meus olhos, e decidi ter um pouco de diversão com eles. Quando a linha de carros acelerou seus motores na linha de partida, eu parei o

meu. Eu não *apenas* parei o motor; eu praticamente me dei um pescotapa da força disso.

Além dos pilotos pensando que eu estava cerca de cinco degraus fora da minha liga, quase todo mundo nas arquibancadas que tinham testemunhado meu erro de iniciante estava rindo e sacudindo suas cabeças.

46

Ian estava a vários carros de mim, então eu não sabia se ele tinha visto o que tinha acontecido ou quem estava por trás do volante. Se ele ainda não tinha me identificado, ele estava prestes a isso quando ele cruzasse a linha de chegada vários segundos atrás de mim.

G cuidou para que suas Eves tivessem algumas habilidades defensivas, bem como ofensivas de condução, mas eu tinha aprendido como correr com carros em casa. G nunca hesitou em utilizar minhas habilidades para sua vantagem. Era apenas um passatempo, nunca uma paixão. É por isso que realmente incomodava meus amigos viciados em carros quando eu os vencia em toda oportunidade. Perder para uma garota não os irritava tanto quanto perder para alguém que não vivia, dormia, e respirava RPMs e bandeiras xadrez preto e branco.

Você poderia dizer que isso era um daqueles dons dados por Deus que pareciam como um grande desperdício até que eu me tornei uma Eve. A habilidade de pilotar como se todos os demônios do inferno tivessem acabado de ser soltos em cima de mim ia me ajudar a conseguir terminar esse Errand. Isso me ajudaria a me afastar e tentar pelo resto da minha vida esquecer Ian Hendrik.

Eu mal tinha ajustado na linha de partida antes da sirene gritar. Eu não era o primeiro lugar na linha, mas quando eu energizei através das engrenagens e encorajei o Acura em seus limites, eu sabia que eu seria a primeira a cruzar a linha de chegada. Ian era um bom piloto. Ele estava competindo com carro de número treze pela liderança. Eles estavam tão focados um no outro que eles nem mesmo me notaram voar. Olhando no espelho retrovisor, suas expressões eram impagáveis. Era uma impressionante mistura de choque e admiração.

Assim que eu cruzei a linha de chegada, eu inclinei minha cabeça para trás e buzinei. Depois de sair para o lado da pista, eu chequei o retrovisor de novo. Eu dei ao meu cabelo uma provocação e acrescentei uma camada de gloss labial cereja antes de deslizar para fora do carro.

Os outros carros estavam chocados ao longo da borda da pista, e todas as cabeças estavam viradas em minha direção. Quando o restante dos poucos que não tinham testemunhado o meu grande erro viram que eu era uma mulher, sua

amarga expressão tornou-se mais voltada para o choque.

47

Sim, porque uma mulher chutar suas bundas em qualquer coisa é a coisa mais inconcebível no mundo.

Se Ian não estivesse lá, eu teria mostrado minha língua para cada um deles.

Entretanto, Ian estava definitivamente lá, e atualmente, vagueando em meu caminho.

Hora do jogo.

— Não é você apenas cheia de surpresas. — O sorriso de Ian deslizou no lugar, aquele que inclinava a balança na escala ameaçador. — Eu não sabia que você gostava de corridas.

Eu cruzei meus braços e me inclinei do lado do meu carro. — Você dificilmente sabe alguma coisa sobre mim.

Seus olhos brilharam na escuridão invasora. — Isso não é verdade. Eu sei como você se parece sem suas roupas.

Eu quase rolei meus olhos. Eu cheguei *tão* perto. — O que me ver como eu vim ao mundo tem a ver com saber alguma coisa sobre mim?

Um lado do seu sorriso cresceu maior. — Tudo.

Entrar em uma discussão com ele sobre isso era um esforço fracassado. Para Ian Hendrik, eu suponho que ver uma mulher nua dizia a ele tudo o que precisava saber sobre ela.

— Então em que lugar você ficou? — Hora de colocar o cara de volta em seu lugar e, pela forma como seu sorriso caiu, essa única questão fazia exatamente isso.

— Bem, eu teria levado o primeiro se uma entrada tardia blefando sobre suas habilidades na linha de partida não tivesse aparecido.

— Você está tão certo disso, eh? Primeiro lugar se eu não tivesse derrotado você?

— Tão certo que eu apostaria minha vida nisso.

Ian Hendrik era tão grande idiota que eu até tinha dado um crédito a ele. Eu corrigiria isso imediatamente.

48

— Você é umas daquelas pessoas que sempre pegam o primeiro lugar ou uma daquelas que sempre pensa que merece a posição mesmo quando não merece?

O sorriso torto estava de volta. — Ambos.

Eu exalei e sacudi minha cabeça.

— Alguma dica de como eu posso manter minha série de vitórias?

— Sim. — Meus olhos travaram com os dele. — Não vá contra mim.

Um brilho de excitação correu através de seus olhos enquanto ele me estudava. Eu não sabia o que ele estava pensando, mas o que quer que fosse, era intenso.

— Sobre o que você está pensando? — Eu perguntei. A jogada de fitar estava ficando velha rapidamente.

— A verdade ou a verdade filtrada?

— A verdade. A verdade nua e crua, — eu respondi.

Os olhos de Ian pousaram no capô do meu Acura. — Agora mesmo, eu estou pensando sobre jogar você no capô, rasgar fora suas calças, e dar a você a melhor foda que você já teve.

Pelo menos ele era honesto.

— Tem alguma verdade entre filtrada e nua e crua? — Perguntei colocando o meu plano em ação.

Ian coçou o queixo, me olhando como se eu fosse um coelho a ser capturado.

— Sim, eu tenho. — ele disse, me inclinando tão perto que eu podia sentir a verdade dura e quente contra meu corpo. — Eu quero foder você. E eu sei que você quer me foder também. Então por que não cortamos essa dança logo e tiramos isso dos nossos sistemas? Eu não sou o tipo de homem que resiste bem à

tentação.

Nenhum homem resiste bem à tentação. Alguns apenas sabiam como sorrir e aguentar isso. O homem com quem eu trabalhava não tinha afinado essa habilidade.

— Talvez eu queira foder você. E talvez eu não queira, — eu respondi, pisando para longe para mostrar que ele não poderia me tratar com grosseria à vontade. A

única forma que ele poderia me maltratar era se eu desse permissão a ele. — Mas vou fazer uma aposta com você.

— Oh? — Aquele brilho de excitação estava em seus olhos novamente. —

Que tipo de aposta?

Meus olhos moveram-se para o capô do meu carro. Era um plano perfeito, um jeito de conseguir o mulherengo Neanderthal trancado atrás de portas de aço.

— Eu vou deixar você me foder no capô do meu carro.

Ian esperou alguns segundos. Depois de outro momento, sua paciência acabou. — Existe um *se* em seu tom. Então me dê a condição antes que eu convença você que não precisa de um *se* quando se trata do meu pau fazendo sua mágica.

Paus não faziam mágica. Os homens atrás deles sim. Até agora, eu só tinha conhecido um digno de reivindicar a habilidade de ‘fazer mágica’, e esse era o mesmo homem que eu odiava como o inferno.

— Se — *se* — você me vencer em nossa próxima corrida — eu ergui uma sobrancelha enquanto eu olhei de relance para a protuberância em suas calças. —

Eu vou deixar você me foder no capô do meu carro.

— Se?

— *Se.*

Ian sorriu. — Você entendeu isso tudo errado, Ally. Não é *se* eu vencer você, é *quando* eu vencer você.

— Quando você me vencer? — Eu repeti, dando a ele um olhar cético. —

Veremos.

— Sim. Sim, veremos. — Ian sorriu ainda mais antes de dar um tapinha no capô do meu carro e caminhar de volta ao seu próprio.

EU ESTAVA PRESTES a pisar dentro do banho para lavar fora a sujeira real e figurativa da corrida quando meu telefone G tocou.

Eu pensei que ficaria lisonjeada que ela estava me checando tanto. Agora que era realidade, isso era simplesmente irritante. Eu sabia o que eu estava fazendo 50

e não tinha que ser controlada o caminho inteiro — com um Dez como um Alvo ou não.

Eu não tive a chance de lançar meu usual não-tão-usual cumprimento.

— Você vai sair de Seattle.

Eu apertei o laço do meu roupão. — Quando?

— O primeiro voo que puder pegar. Vejamos... você está no Four Seasons, trinta minutos mais ou menos de tráfego até o aeroporto. Posso reservar para você o das dez ou dez e meia?

— G, eu acabei de voar para cá hoje, e você me quer fora de novo hoje à noite? Você sabe que eu estou querendo fazer o que for, mas isso não pode esperar vinte e quatro horas até eu encerrar o Errand Hendrik? Qual é a pressa afinal? —

Eu cai na cadeira do lado de fora do banheiro e olhei para minha mala. Pelo menos eu não tinha desfeito as malas ainda.

— Eu não me importo com o Errand Hendrik. Vamos larga-lo. Agora eu preciso que você dê cem por cento ao Errand Callahan.

Eu tinha oficialmente ouvido de tudo. — Você poderia repetir isso, porque eu

juro que eu ouvi você dizer que vamos largar um Errand. Já que nós nunca tínhamos largado um Errand, já que *eu* nunca nem mesmo considerei largar um Errand, eu sei que eu devo ter ouvido errado.

Eves não largavam Errands. Inferno, nós raramente falhávamos em um Errand, muito menos queimar o arquivo e correr, e caramba, se eu ia ser a primeira a fazê-lo.

— Você me ouviu direito, Eve. Elimine o arquivo, faça o check out, e coloque a sua bunda naquele avião.

— O Sr. Callahan acabou de sair para um voo a meio caminho ao redor do mundo. Ele está provavelmente pousando, e por alguma razão, você acha que ele está indo a um encontro de dois minutos no aeroporto então voar de volta a tempo para o almoço amanhã? — Eu não estava irritada pelo Errand Callahan exigir tanta energia; Eu estava irritada que G tinha acabado de me mandar me apressar para outro Errand. Em meu livro, isso era inaceitável.

51

Nós nos mantivemos neste negócio por causa da nossa reputação, e se vazasse que nós estávamos abandonando Errands, as Eves iriam de jantar filé em uma semana para miojo na outra. Eu já jantei miojo o suficiente na minha vida para deixar uma universidade inteira na vergonha.

— O Sr. Callahan ainda é esperado para estar fora do país até depois de amanhã. Neste momento, as minhas preocupações não são com ele diretamente.

— Você se importaria de compartilhar suas preocupações com a Eve que você atribuiu para o Errand?

G ficou em silêncio por tempo o suficiente para eu saber que eu estava entrando em território perigoso. Como regra, suas Eves faziam o que ela dizia, sem perguntas. Ela dizia marchem, e nós não parávamos até ela dizer. Ela dizia abane o rabo, e nós fingíamos até nós fazermos isso. A única razão que eu podia escapar com testar aquela regra era porque eu era uma das suas favoritas e eu estava atribuída para o maior Errand que já caiu no colo dela.

— Não, eu não me *importaria* de compartilhar minhas preocupações com você, — ela começou. Eu podia sentir seu olhar através do telefone. — Mas já que eu sei que você vai dificultar para mim até eu contar, eu vou tirar isso do caminho.

Eu teria agradecido se eu não estivesse certa de que teria apenas a irritado mais.

— Eu tenho ouvido falar do que se pode chamar de boato que a Sra. Callahan está comprando outras agências I Cluse. Ela não se importa com quem ou como alguém atrai o marido para a cama, contanto que seja logo.

— Whoa, G, segure seus cavalos I Cluse. — Levantei-me para servir um copo de vinho. Pelo como soava isso, álcool era uma boa ideia. — Você acabou de dizer outras agências? Tipo em agências como as Eves?

Dois longos segundos de silêncio, e então — Precisamente, exceto pelo nome.

Boa coisa que a taça de vinho era grande, porque eu apenas continuei derramando. — Quanto tempo faz que você sabe sobre essas outras agências?

— Florzinha, o que você acha que me deu a brilhante ideia de entrar nessa linha de negócios? Eu não acordei com esse plano brilhante de trazer os maridos infiéis dos Estados Unidos em seus joelhos financeiros.

52

Eu não sei o que era, ou se era compreensível, mas algo deve ter saído da minha boca, porque G continuou.

— Sou uma mulher de negócios, Eve. Não uma inventora. Eu peguei algo que eu sabia que já estava no mercado e melhorei. Puro e simples. Você realmente achou que nós éramos as únicas lá fora fazendo algo assim? Você e eu sabemos que há bastardos traidores o suficiente lá fora com alianças de casamento em seus dedos que dez mil mulheres poderiam estar trabalhando simultaneamente com os Errands, e nós ainda estaríamos com escassez de pessoal.

Eu subitamente me senti bastante estúpida. Como uma ingênua garotinha.

Eu sempre tinha assumido que nós Eves éramos as únicas, porque... bem... porque nós éramos únicas. Quem mais seria à altura da tarefa de lidar com a sujeira do mundo?

Aparentemente, de acordo com G, há várias de nós dispostas a lidar com a sujeira. Mesmo eu não era ingênua o suficiente para acreditar que isso era tudo devido ao pagamento final e não pelos detalhes reais do trabalho. — Eu acho que nunca sequer considerei isso...

— Está tudo bem. Seu trabalho não é considerar isso; esse é o meu. Seu trabalho é fazer o que você tem sido treinada a fazer, o que você sabe que precisa fazer, e o que eu disser para você fazer. — G exalou lentamente. — Que tal um pouco mais de ação?

— Então o que exatamente você gostaria que eu fizesse se outra Eve — Eu não tinha ideia de como chamar as garotas que trabalhavam para essas outras agencias — tiver sido atribuída para o Sr. Callahan? Mostrar minha língua para ela? Arrancar sua roupa nova? Comparar tamanho dos seios? — Eu abreviei isso só porque eu sabia que eu estava passando dos limites com G. Passando *muito* dos limites.

— Não, eu quero que você mostre a ela o que ela tem que enfrentar. Eu quero que você prove que você é de longe mais superior que qualquer sombra de

mulher que ela é e a faça duvidar tanto dela, que ela voe de volta para seu empregador e peça demissão ou decida saltar para fora da janela de sua suíte no andar superior.

Bem, eu pedi por isso. — Algo mais?

53

— Sim. Eu quero que você coloque uma bala no cérebro dela se ela recusar a ficar intimidada por sua superioridade. Se ela não quer jogar limpo, então nem nós faremos.

Ok. Depois de trabalhar para G por cinco anos, eu sabia que ela era uma vaca. Eu só não sabia que ela era uma... *vaca.* — Então quando eu não estou seduzindo homens, você me quer derrubando a competição? Vamos lá, G, caia na real.

— Eu acho que você é a única que precisa desse conselho.

Pense, Eve, pense. Você é inteligente. Talvez não conivente como G, mas inteligente, no entanto. Você pode juntar um argumento lógico que vai apelar para suas ideologias de lucro.

— Eu preciso terminar o Errand Hendrik, G. Não por mim, mas por você —

Eu adicionei quando eu a ouvi pronta para quebrar em uma réplica.

— Por mim? E por que terminar um mero Sete é tudo sobre mim e não você?

Porque quando nós olhamos para o que você faz comparado com o que eu faço em um ano — e acredite, Eve, eu olho todos os dias — você tem muito mais a perder proporcionalmente por largar isso do que eu.

Eu não precisava de um lembrete de que eu faço perto de sete dígitos por ano, e G ganha o que eu acho que seja perto de oito dígitos. — Eu estou fazendo isso por você, G. Você não tem que acreditar em mim, mas você e eu sabemos que se vazar por ai que suas Eves estão abandonando seus Errands, seus competidores vão ganhar uma grande posição no mercado. — Obrigada, Economia 101, por me fazer soar moderadamente inteligente. — E eu enviei a mensagem do S final para a Sra. Hendrik logo antes de você ligar. Eu receio que nós estamos além do ponto chamado de sem retorno.

Mentiras brancas. Elas não eram apenas parte da vida real; elas eram majoritariamente parte dos nossos negócios. Eu tinha enviado a mensagem do S

final para a Sra. Hendrik, juntamente com a hora e o endereço do próximo fracasso do marido? Não, eu não tinha. G precisava acreditar que eu tinha para que eu pudesse salvar a reputação dela, minha, e de todo o negócio? Sim, ela precisava.

— E você negligenciou enviar para mim o mesmo porque... ?

54

— Porque você ligou um segundo antes de eu apertar o enviar.

— Eve, eu não gosto disso. Eu não quero jamais que nosso maior Alvo escorregue através de nossos dedos porque estávamos tão preocupadas sobre soltar um Sete. — A voz de G soava tão dura, mas eu poderia dizer que eu estava a desgastando. Ela estava perto de ser convencida.

— Bem, eu não gosto disso também, mas é muito tarde, G. A Cliente recebeu a mensagem que eu estou terminando o Errand amanhã à noite. Até onde eu sei, ela poderia já ter arranjado isso tudo com o Contato dela. Eu não posso apenas ligar e dizer, oops, não tão rápido, eu estou fora do caso. Oh, e a propósito, boa sorte com seu marido idiota e traidor.

G quase grunhiu. — Droga, Eve. Por que seu timing tem que ser tão terrível?

— Azar, eu acho. Mas a boa coisa para você é que eu sou uma das melhores no que eu faço. Você não tem que se preocupar sobre nada saindo errado com o Errand Hendrik ou Callahan. Eu tenho ambos.

G ficou em silêncio.

— Eu prometo.

Quando G finalmente respondeu, sua resposta meio que me assustou. Talvez foi seu tom, ou talvez foram suas palavras, ou talvez foi só porque eu sabia que G

não era o tipo de pessoa que eu queria pegar em seu lado ruim. — Eu espero que essa seja uma promessa que você pretenda manter.

55

BASEADO APENAS nas horas que eu estava realmente em Seattle, esse Errand era provavelmente um recorde. Não que ele estivesse encerrado ainda, mas eu não duvidava que fosse encerrado na próxima hora. Embora tenha sido acelerado, esse Errand estava dentro dos planos. Na verdade, tem sido quase fácil demais, mas quando era sobre os gostos de Ian Hendrik, eu tiraria “fácil demais”, porque isso significava passar o mínimo de tempo com ele possível.

É seguro dizer que eu odiei o cara. Claro, eu não sabia tudo da sua história passada, inseguranças, ou as coisas que faziam uma pessoa do jeito que elas são, mas uma das luxurias do meu emprego era que eu não tinha que saber. Eu não queria, precisava, ou tinha que saber se a mamãe dele tinha o ignorado ou se o papai dele tinha feito as malas uma noite e nunca mais voltou. Passado não era meu trabalho, a menos que diretamente relacionado com encerrar o Errand.

Passado, mais vezes do que não, criava simpatia, e essa era uma emoção que eu não queria em nenhum lugar ao redor dos meus Alvos. Essa era parte da razão porque eu tinha parado Henry de explicar o que tinha acontecido naquela noite.

Eu não queria ter nenhuma pitada de simpatia por ele. A outra parte da razão era exatamente o que eu tinha admitido para ele: Isso não mudava absolutamente nada. Os *porquês* do que tinha acontecido não poderiam voltar e mudar a história.

Passado era proibido. Passado não fechava um Errand em tempo recorde.

Eu acelerei para a Sound Speedway pouco antes das oito, e eu já sabia que Ian estava esperando por mim. A antecipação de ter sexo com uma garota deixava um cara ansioso... super excitado mesmo. Ian chegava mais daquela escala de super excitado. Então, é claro, havia aquele sexto sentido que eu tinha quando era sobre seu tipo. Eles basicamente emitiam uma frequência corra-na-outra-direção.

Mas eu era uma Eve, e isso quer dizer que eu não corria na outra direção. Isso quer dizer que eu nem mesmo recuava quando eu estava afundada até o pescoço

no vil.

O que era exatamente onde eu estava prestes a ir.

56

Ian estava esperando por mim na linha de partida como esperado. Inclinado contra a porta do motorista de um carro diferente daquele que ele tinha dirigido na última noite, seus braços estavam cruzados e sua expressão convencida. Uma das piores partes do meu trabalho, tirando ter que dormir com esse tipo de cara, era testemunhar suas expressões variarem de presunçosa para total regozijo na noite Lençóis.

Minha única vindicação era saber que essa expressão teria ido embora quando suas bundas fossem pregadas na parede na corte do divórcio, alguns meses depois. Eu deixaria Ian ter seu regozijo. Ele não teria nada sobre o que se regozijar muito em breve.

— Você deve estar com medo que minha vitória noite passada não foi algum golpe de sorte aleatório, né? — Eu falei da minha janela enquanto eu parava ao lado dele.

— Talvez, — Ian respondeu, seu sorriso subindo em um lado. — Mas talvez minhas motivações para ganhar são especialmente altas nessa situação.

Nada como poder foder uma garota em cima do capô para “motivar” um homem. Eu acostumava acreditar que existia esperança para a humanidade.

Depois do número de homens que tive que lidar como uma Eve, eu tinha chegado à conclusão de que a humanidade esteve ferrada desde o início. — É um Saleen 2011 ou 2012?

Ian levantou uma sobrancelha. Caras eram sempre surpreendidos quando uma mulher sabia sobre carros, como se conhecimento de motores fosse apenas reservado para alguém com um pau.

— 2012. E é rápido.

— Rápido o suficiente para me ganhar? — Eu apoiei meu cotovelo para fora da janela.

— É melhor que seja, ou vou demitir meu mecânico.

— Bem — eu encolhi os ombros — chega de falar. Vamos fazer isso.

Ian se afastou do seu carro e abriu a porta. — Se eu não soubesse melhor, eu pensaria que alguém está tão ansiosa para eu vencer quanto eu estou.

57

Na noite do Lençol, isso era tudo sobre acomodação. Era tudo sobre aproximar o Alvo da cama ou, nessa ocasião, do capô do carro. Isso era sobre dizer e fazer o que quer que isso exija para colocar na cabeça dele que ele simplesmente tinha que me ter. Ele simplesmente não viveria uma vida completa se não me tivesse.

O tipo Ian Hendrik, embora, não precisava muito segurar a mão. Eu poderia muito bem jogar insulto atrás de insulto no cara, e ele ainda ia acabar com as calças em torno dos seus tornozelos.

Mas... melhor jogar pelo seguro. Eu não era a Eve número um no livrinho negro da G porque eu corria riscos. Eu seguia as orientações na maioria das vezes, e se um risco era requerido, eu tinha certeza que era um risco calculado. — Talvez eu esteja um pouco ansiosa por você vencer. Mas não significa que farei você trabalhar menos pela vitória.

Ian deslizou dentro do seu carro, seus olhos nunca deixando os meus. —

Quão ansiosa você está?

Você sabe aqueles caras que podem fazer você ter arrepios com um olhar?

Sim, esse era Ian Hendrik.

— Por que você não vence, e então você pode descobrir em primeira mão quão *ansiosa* eu estou? — Erguendo uma sobrancelha, eu liguei o motor.

— Eu sou feito de vitória, baby. — Ligando seu próprio motor, ele esperou por eu avisar o início.

Erguendo três dedos, eu baixei um, então o próximo, e quando o terceiro foi para baixo, nós dois golpeamos para fora da linha de partida. O Saleen, como previsto, explodiu em frente; não era um carro de corrida icônico por nada. No entanto, o que Ian teve de vantagem no início da corrida, eu mais do que compensava em experiência.

No meio do trajeto, estávamos quase lado a lado. Quando a linha de chegada

estava a vista, eu tinha tomado a liderança. Eu podia ouvir Ian xingando seu carro, mesmo com o barulho dos motores. Ou pelo menos eu podia imaginar isso. Tão bom quanto pareceu ontem à noite chutar a bunda dele em algo que ele amava, e 58

tão bom como seria chutá-la tão forte quando ele estava em um inferno de um carro rápido, essa noite não era sobre vitória.

Não o tipo que envolvia carros de corrida de qualquer maneira.

Levei duas tentativas antes que eu pudesse empurrar o acelerador apenas o suficiente para que o Saleen de Ian ultrapassasse. Era minha vez de murmurar uma sequência de obscenidades. Ele venceu a corrida, mas só por meio carro de distância e apenas porque eu o deixei. Só porque isso era parte de um grande plano.

Eu tinha que levá-lo para fora, no aberto, para fazer sexo com ele para que algum terceiro pudesse nos pegar no filme, então sua esposa, de quem eu fortemente não gosto, iria sair de um divórcio com mais do que o Dolce em seu ombro.

Na maioria dos dias, meu trabalho não parecia cem por cento moralmente repreensível. Aquele dia não era um desses dias.

Apertando o freio, eu verifiquei a hora no painel. Nós estávamos bem. Desde que a Cliente tenha entrado em contato com o Contato e essa pessoa estava lá no horário pretendido, nós estávamos na hora. Antes de eu sair do carro, eu encarei o capô, suspirei, então fui para ele. Ian praticamente soltou fora do Saleen com um grande sorriso. Ele me avistou e aquele sorriso mudou para algo mais malvado. Eu trouxe algumas mini garrafas de vodca para o caso de ele precisar de alguma bebida antes de transar com uma garota que pode ou não ser maior de idade no capô do carro, mas não parecia como se ele precisasse.

Parando na minha frente, suas mãos desceram para o meu quadril, enquanto seu quadril pressionava no meu. Sim, definitivamente não precisava de vodca para diminuir suas inibições. — Então... quão ansiosa você está? — ele perguntou. Ele baixou sua boca no meu pescoço no mesmo momento em que suas mãos agarraram-se ao material do meu vestido.

Eu engasguei em uma tentativa de parecer surpresa, mas para meus ouvidos,

soou um pouco forçado. Para os ouvidos de Ian? Naquele momento, eu não acho que o cara estava usando seus ouvidos de qualquer forma. Suas mãos e boca estavam tomando as rédeas.

— Ansiosa. Muito ansiosa. — Eu respirei, puxando meu vestido de tiras para baixo para puxar sobre o meu peito. Esse foi o momento em que as mãos de Ian baixaram, seus dedos ansiosamente explorando enquanto ele gemia.

59

Na noite Lençol, eu não tinha nenhuma roupa de baixo. Sem calcinha. Sem sutiã. Sem perda de tempo. Era tudo sobre eficiência e velocidade. Quanto mais cedo o alvo era pego me fodendo, mais cedo eu conseguia ir embora.

— Oh, meu Deus. Você realmente está ansiosa. — Ele gemeu de novo quando seus dedos moveram mais fundo dentro de mim.

Empurrando-o para longe de brincadeira, eu dei um passo para trás, até que eu senti o para-choque do Acura contra minhas panturrilhas. Lentamente, deitando de costas, eu me espalhei no capô quente e dei-lhe um olhar que nenhum homem poderia confundir. A expressão foda-me. — Então? Você vai jogar comigo toda a noite, ou você vai foder comigo?

Ian molhou seus lábios, incapaz de afastar seus olhos do local onde meus joelhos balançavam juntos e separavam. Quando eu baixei minha mão para o local que ele não podia tirar seus olhos, e comecei a deslizar meu dedo para cima e para baixo, seu zíper desceu cerca de um segundo antes do resto de seu jeans.

— Oh, baby. Eu vou foder você. Eu vou foder você tão bem que você não vai ser capaz de estar com nenhum outro homem sem pensar em mim e o que eu fiz para você.

Nenhum cara que era realmente um profissional na cama tinha que clarificar isso. Ele não iria nem pensar isso, porque ele apenas sabia. Até agora, eu nunca tinha encontrado nenhum Alvo que não tinha dito algo similar. Em suas mentes, eles eram os melhores. Especialmente quando era sobre saber o que fazer com seus paus.

Até hoje, para o registro, nenhum tinha conseguido me deixar remotamente perto de um orgasmo. Nenhum tinha nem mesmo feito meus mamilos endurecerem. Eu teria achado sapatinhos de bebê de crochê mais emocionante, honestamente, do que fazer sexo com qualquer um dos meus Alvos.

Toda aquela parte moralmente repreensível? Foi realmente categórica naquela noite.

Ian puxou sua camisa sobre a cabeça antes de abaixar-se sobre mim. Mais duas coisas que se somaram a Ian Hendrik sendo um Grande Idiota? Ele estava 60

prestes a impulsionar seu pau em mim e ainda não tinha me beijado, e... *e* ele estava tentando cravar esse pau em mim sem uma camisinha.

Provavelmente esse é o porquê que o bastardo gostava de suas conquistas jovens. Menos para se preocupar sobre DST's, embora eu tenha cruzado com adolescentes com duas vezes mais ação do que eu, e Ian Hendrik cuidou se ele engravidou uma delas? Ele não vai criar uma criança quando ele ainda era uma, e a palavra de um renomado fotógrafo casado seria tomada sobre a palavra de uma jovem mulher, o advogado dele iria pintar isso como uma jovem ávida tentando prender uma gravidez não planejada em um homem de posses. Não que um caso assim terminaria em um tribunal em primeiro lugar. Eu não duvidava que Ian pagasse um acordo antes que chegasse tão longe.

— Calma aí, Grand Prix — Eu disse, empurrando o peito de Ian. — Vista-se ou saia.

— Eu não gosto de camisinhas, — Ian respondeu, quase ofegando.

— Então eu espero que você goste de não transar, porque isso é exatamente o que vai acontecer se você não colocar uma.

A mão de Ian cobriu meu peito, brincando com meu mamilo. Ele não estava entendendo o que eu estava dizendo. Não é a faca mais afiada na gaveta, aquele.

— Eu não percebi que minha vitória vinha com tantas condições, — ele disse, sua boca tomando o lugar de sua mão no meu seio.

— Eu não percebi que uma camisinha precisava ser uma condição nesses dias. Eu achei que era bastante normal. Sabe, tipo suportes para copos nos carros.

Você não tem que pedir, porque são esperados, não preferidos.

Sua língua continuou a circular meu mamilo enquanto ele debatia ou esperava que eu mudasse de ideia. Pelo habilidoso trabalho que sua boca não estava fazendo, ele certamente não teria me feito mudar de ideia, mesmo se ela pudesse ser mudada.

— Ian, eu estou falando sério. Saia de perto de mim se você não tem uma camisinha ou não pretende usar uma. — Eu dei a ele outro empurrão para provar quão séria eu estava. Eu poderia fazer poucas coisas para comprometer um Errand, mas falta de camisinha era uma delas. Como uma cobertura contra Alvos 61

que “esqueceram” — e com os homens que eu lidava, uma boa porcentagem deles geralmente esquecia — eu fazia questão de sempre manter um par à mão na minha bolsa, carteira, vestido, sapato, etc.

— Tudo bem, mas eu não —

Levantando minha perna, eu deslizei meu sapato fora, peguei o que eu precisava, e pisquei o preservativo em seu rosto.

— Boa coisa que eu tenho, então. — Eu levantei minhas sobrancelhas e esperei.

Ele gemeu antes de empurrar o capô do meu carro e levantar-se. Se um homem pudesse parecer como um garotinho petulante, Ian Hendrik tinha acabado de acertar em cheio. Ele pegou o preservativo e estava prestes a colocá-lo na posição quando um flash luminoso nos surpreendeu. Veio do lado e uns degraus para cima nas arquibancadas, mas eu não precisava de dois palpites para saber quem tinha feito isso. Se a perspectiva sombria sobre o futuro da humanidade não me matasse, um Contato ignorante faria. Quem no seu perfeito juízo iria usar o flash em uma pista escura de corrida? Correto, ninguém. O que significava que o Contato era muito idiota.

— O que diabos foi isso? — Ian resmungou, congelado enquanto inspecionava a arquibancada.

Uma maneira de distrair a atenção de um homem de... qualquer coisa, inclusive um trem em alta velocidade? Rolar um preservativo em seu pau.

Lentamente.

Com sua boca.

— Oh, oh sim, baby. Agora nós estamos conversados. — Os dedos de Ian escovaram através do meu cabelo, e ele me guiou com um pouco de força. Depois de alguns segundos, aquele flash e o que ele significava era uma

memória distante.

Tendo que ser tão forte quanto ele era, eu puxei minha cabeça para longe de seu embalado, pronto, e se eu fosse uma noiva virgem na minha noite de núpcias, bastante desapontante pau. Deitei-me sobre o capô. Hora de acabar com isso.

62

Ian quase pulou sobre mim, seus quadris freneticamente tentando ganhar entrada. Eu agarrei-o e guiei o resto do caminho. Quando ele entrou em mim, não foi lentamente. Ou gentilmente.

— Isso é tão bom, — ele ofegou em minha orelha, indo um pouco mais profundo. — Você não é virgem né, babe? Você é tão apertada que eu estou começando a me perguntar.

Isso é porque eu faço mais exercícios Kegels do que a namorada de um cantor de uma banda de rock. Eu resisti ao impulso de revirar os olhos. Eu tinha feito isso mais do que o usual com o Errand Hendrik. — Não, eu não sou virgem. — *E se eu fosse, o último lugar e pessoa que eu quereria perder isso seria aqui e com você.*

— Bom. Isso quer dizer que não preciso ser delicado. — Agarrando meus seios com as duas mãos, ele moveu-se dentro de mim. Essa era minha deixa para ir para algum outro lugar. Eu sabia que Ian não levaria muito tempo, um minuto ou dois no máximo, mas eu não queria estar presente por aqueles um ou dois minutos. Uma memória daquele minuto de Ian Hendrick no cio contra mim era suficiente para causar alguns sérios danos psicológicos.

Logo antes de eu ir para meu “lugar feliz”, eu deslizei minha mão para o lado e levantei meu dedo do meio. Contatos Estúpidos. Meu trabalho seria duas vezes mais fácil se não fosse pelas pessoas incompetentes que eu lidava ao longo do caminho.

Felizmente, minha mente não escapou para o Henry. Felizmente, naquela vez, não era o corpo dele que eu senti se movendo contra o meu. Felizmente, não era a lembrança das coisas que ele tinha feito e dito quando nós fizemos amor que piscaram na minha cabeça. Eu sabia ser grata por aquelas coisas, mas era difícil me sentir genuinamente grata por alguma razão.

Eu achava que era uma razão que eu não queria mergulhar muito profundamente.

Quando Ian estremeceu no que eu imaginei estava perto do minuto final, eu

quase o empurrei de cima de mim. No que concerne à minha parte, o Errand estava terminado. Eu tinha terminado com sucesso, e ele era um Alvo que eu mal podia esperar para colocar o máximo de espaço entre nós quanto possível. Ian Hendrik 63

era um dos motivos pelos quais Deus nunca deveria ter criado o homem em toda aquela coisa de criação-da-terra. Fale de uma má ideia.

— Então? Como foi? — Ian sorriu estupidamente, respirando como se tivesse corrido uma maratona. — Extremamente fantástico, certo?

Eu já tinha ajustado meu vestido e estava de volta no sapato que eu tinha tirado. — Você realmente é consideravelmente O homem, Ian.

Sua expressão ficou presunçosa. — Eu detonei o seu mundo ou o que?

Eu não sei o que foi isso, talvez porque ele ainda estava parado totalmente nu no meio de uma pista de corrida com um sorriso estúpido em seu rosto, ou talvez foi porque ele pensava que sessenta segundos bombeando era suficiente para detonar o mundo de uma garota, mas eu quase ri. Os risos vieram tão perto de escorregar para fora, mas eu mordi de volta bem a tempo. — Não tanto quanto eu detonei o seu, Ian. — Piscando-lhe, eu deslizei para o Acura, liguei, e acelerei passando por Ian Hendrik com as calças ainda em torno de seus tornozelos.

64

Graças a Ian Handrik, o amante de um minuto, eu cheguei no SEA-TAC com muito tempo livre. Eu estacionei o Acura, disse adeus a ele, e estava prestes a dar um tapinha no capô quando eu pensei melhor. Esse capô tinha visto muita ação; não há necessidade de mais. Eu não sabia quem ou como os nossos carros para cada Errand eram entregues e voltavam, mas não era minha preocupação. G

cuidava disso, e enquanto ela continuasse a enviar adoráveis carros rápidos para o meu caminho, eu não iria reclamar.

Uma vez que eu tinha mandado a mensagem do V de vitória para G e a Sra.

Hendrik, eu eliminei os telefones como fui instruída, tomei uma rápida dose de tequila barata pela vitória no bar do aeroporto, e embarquei às dez horas para San Francisco. Meu assento na primeira classe era especialmente merecido depois de quem eu tive que aturar naquele Errand, e o avião mal tinha deixado a pista e eu já estava dormindo.

Henry trabalhou o seu caminho de volta para os meus sonhos de novo, e até mesmo no meu estado de sono, eu sabia que era uma coisa ruim.

Foi poucas semanas depois do nosso encontro “oficial”, e nós tínhamos nos tornado conhecidos como os parceiros de laboratório para superar. Antes de eu ter virado parceira dele, eu não teria acreditado que ele tinha quaisquer deficiências quando se tratava de programação, mas as deficiências de Henry eram os meus pontos fortes e seus pontos fortes eram os meus pontos fracos. Nós éramos a equipe de TI dos sonhos.

Mas isso não impediu de falarem por trás de nossas costas — e um pouco na minha cara — que a única razão para estarmos no topo das aulas era porque Henry estava puxando todo o peso. Claro, havia também os rumores que vinham junto com praticamente qualquer tipo de parceria entre homens e mulheres.

Dependendo do dia, eu estava ou fodendo com o Henry como pagamento por ser

meu parceiro, ou uma lésbica que tinha transado pelo meu caminho através da Califórnia. Eu odiava ser vista como uma mulher que fode com homens no meu caminho para o topo, ou com mulheres. Santa epifania, eu com certeza não poderia ser uma mulher séria (ou heterossexual?) e trabalhadora que planejava ser bem sucedida em minha carreira.

E olhe para mim agora. Fodendo homens como uma carreira. Irônico, se você está ouvindo, *eat shit and die5*.

Basta com as ironias; de volta para o sonho. Eu estava trabalhando como uma assistente do laboratório de informática em um programa de estudo e trabalho já que eu não tinha vindo de uma família que tinha pagado toda minha educação universitária antes que eu estivesse fora das fraldas. Assim como qualquer outro dia, eu estava tendo o meu quinhão de assédio das futuras moscas do country clube. Alguns dias não eram nada mais do que uma imagem vulgar lançada no meu colo, e alguns dias não eram tão inofensivos. Como naquele dia.

Baron VonStraub, sim, havia realmente idiotas que nomearam seus filhos assim, era um dos piores ofensores. Ele tinha me sondado para fazer a minha vida ainda mais miserável do que era. Meu palpite era que seu carma de uma vida anterior havia lhe dado um pau deformado e minúsculo. Além disso, ele teve que passar a vida com o nome de Baron. Normalmente, ele era um idiota Nota A.

Seus comentários naquele dia tinham incluído algo nas entrelinhas me informando se eu ainda estava indecisa sobre o tipo de “equipamento” que eu gostava, ele ficaria feliz em me dar uma checada total de seu equipamento. Ele disse que ia me encontrar no banheiro feminino em cinco minutos, porque ele tinha ouvido que eu tinha passado tanto tempo de joelhos lá quanto eu estive na sala de aula.

Muitas vezes naquele ano, eu cheguei perto de socar Baron na garganta.

Aquela vez, eu cheguei muito perto. Quanto mais tempo ele riu, até acotovelando dois de seus amigos que estavam rindo bastante, mais meus punhos fechavam em meus lados.

5 *Título da Música: Eat Shit and Die – Electric President* 66

Baron VonStraub estava a dois segundos de ser socado quando Henry chegou. No instante em que ele me viu, ele sorriu e caminhou em minha direção.

Henry e Baron eram bons amigos, mas eu jurava que ele não tinha notado Baron dois pés para o lado quando ele se aproximou. Ele nem mesmo percebeu quando Baron levantou a mão e disse algo inteligente como *"E aí?"* ou *"Cara"*.

Henry não parou até estar um passo na minha frente. Eu lembro que tentei agir ocupada, ou como se eu não estivesse perturbada por em tê-lo tão perto e sorrindo para mim daquela maneira, mas eu não tinha sido muito convincente.

Sem nem mesmo um olá, ele me disse que gostaria de me convidar para sair e me perguntou se eu gostaria que ele me convidasse. Olhando para trás, o que ele disse não foi tão confuso quanto parecia.

Depois de alguns momentos de proverbial choque de boca aberta, Baron disse algo para Henry sobre estar desesperado por um pedaço de bunda barato.

Com sua expressão perfeitamente plana, Henry respondeu com alguma coisa sobre como provocar garotas que ele gostava se tornou socialmente inaceitável depois da sexta série. Ele fechou com *Sai daqui e só volte quando tiver amadurecido.* Baron prontamente fez. A parte de se perder, pelo menos.

Voltando sua atenção para mim, Henry levantou uma sobrancelha e esperou.

Eu olhei para ele por mais um minuto, tentando não me perturbar com seu belo rosto ou com o fato de que Henry Callahan me atraia de tantas maneiras que eu quase me tornei uma crente em almas gêmeas. E eu estava olhando para ele.

Finalmente, eu fui capaz de dar a ele uma resposta.

E foi não.

Henry foi embora naquele dia com seus ombros mais baixos, e ele se afastando daquela forma quebrou um pequeno pedaço do meu coração. Isso é o que eu utilizava para me lembrar de por que eu precisava dizer não aos Henry Callahans do mundo. Nós não tínhamos nem nos envolvido ainda, e meu coração já estava quebrando. Eu evitei um grande coração partido naquele dia.

Henry não parou de pedir e, como todos nós sabemos o fim trágico dessa história, eu finalmente disse que sim. Apaixonar-me por Henry Callahan foi a coisa mais fácil e natural que eu já tinha feito. No melhor estilo ying-yang, deixar de amá-lo foi total e absolutamente o oposto.

67

APÓS ACORDAR do meu último pesadelo sobre Henry, eu estava farta de dormir em aviões. Eu não tinha certeza se eram os aviões, ou tê-lo enfiado de volta em minha vida, mas eu prefiro exagerar na cafeína e não dormir do que sonhar com Henry.

Até o momento que eu tinha praticamente me arrastado para fora do avião, tropeçado em torno da garagem até que encontrei o Mustang, e voltado para o condomínio sem envolver o carro em torno de um poste, era quase duas da manhã.

Eu lutei contra o sono por tanto tempo quanto eu pude, mas eu perdi a batalha trinta segundos depois e cai adormecida com o rosto para baixo e totalmente vestida.

Quando o maldito alarme do meu telefone me acordou poucas horas mais tarde, eu estava aliviada que eu não tinha sonhado com Henry novamente. Esse alívio durou pouco quando eu percebi que tinha que me levantar e me arrumar para vê-lo de verdade. Ele deveria estar de volta em algum momento naquele dia, e dada a urgência de vencer alguma outra garota do poder mulherengo, G me queria do lado de fora do escritório dele trinta segundos antes do início do trabalho.

G não acreditava em deixar nada ao acaso. Se a Sra. Callahan realmente tinha contatado outras agências como a nossa, G não ficaria satisfeita até que tivéssemos acotovelado, empurrado e esmagado-as para fora do caminho. Era o nosso Dez. Não era um Errand para perder para um concorrente.

Depois de pular fora do chuveiro, eu puxei uma saia lápis justa e uma blusa de seda do armário. Esse Errand não era sobre vestidos de coquetel e decotes. Pelo menos não durante o horário comercial. Henry acreditava que eu era contratada de uma empresa de TI. Ele esperava me ver como uma profissional de negócios durante o dia. Na linguagem Eve, profissional de negócios significava roupas femininas que mostravam as curvas femininas. Menos pele, mas não menos sexy.

Era uma linha fina, como tantas nesse negócio, mas uma que eu aprendi a

reconhecer.

Quando o resto de mim estava pronto, eu me dei uma olhada de cima a baixo antes de sair. Sensual, não promiscua. Bem o que eu queria. Henry era um dos
68

poucos homens com quem eu já tive contato que realmente gostava de uma mulher vestida em roupas que deixam algo para a imaginação. A maioria dos caras não queria usar sua imaginação; eles queriam ver, sentir, e fazer a coisa real. Isso é o que tinha enviado suas esposas em busca de nós em primeiro lugar. Mas Henry...

ele era diferente.

Eu sacudi rápido a minha cabeça enquanto deslizava no Mustang. Deixe-me reformular: mas Henry... ele foi diferente.

Acontece que ele não era tão diferente afinal.

A Callahan Concepts ficava a uma curta distância do condomínio. Claro, G

havia selecionado o condomínio com base em sua proximidade com o escritório de Henry e sua casa. Nada era aleatório. Nada era uma coincidência. Não em nosso negócio.

Do que eu tinha lido no arquivo de Henry, a Callahan Concepts tinha começado no apartamento de noventa e dois metros quadrados que ele e eu tínhamos vivido durante a faculdade — começado *depois* de eu ter saído. Ele expandiu alugando um escritório em um prédio antigo, em seguida, alugando um andar inteiro de um dos edifícios mais novos, e finalmente, um minicampos privado. Vários novos edifícios reluzentes foram escalonados em torno de um pátio cuidadosamente mantido, onde dezenas de funcionários estavam descalços e trabalhando duro em seus laptops. Um par de bares de café expresso espalhava-se pelo pátio. Os funcionários podiam simplesmente levantar e pedir o que queria.

De graça. Uma série de manobristas estacionava os carros dos funcionários e visitantes. Havia uma lavanderia, uma academia completa, uma praça de alimentação, uma sala de massagem... era seu próprio mundinho.

Enquanto eu caminhava pelo pátio em direção ao prédio principal, eu não pude deixar de comparar o que Henry tinha feito ao longo desses últimos cinco anos com o que eu tinha feito. Ele criou um império que empregava centenas de funcionários bem cuidados e felizes. Ele começou um negócio do zero e transformou-o nisso. Ele *criou*. Eu, por outro lado? Eu dizimava. Eu pegava coisas e as despedaçava. O que eu destruía poderia ter estado pendurado por um fio, mas algo sobre andar ao redor do lugar que Henry tinha para mostrar seus esforços me fez pensar sobre o que eu tinha para mostrar.

69

Uma conta bancária florescente e uma atitude cansada em relação à humanidade, nada mais.

Não era a melhor epifania para se ter em seu caminho para ver o Alvo. Pelo menos eu tinha o passeio de elevador até o último andar para limpar meus pensamentos e me recompor.

Do lado de fora e no andar principal, a Callahan Concepts parecia quase como um campus universitário. Todo mundo estava de jeans e camiseta, cumprimentando com high-five, e bebendo Red Bull, mas uma vez que as portas do elevador se abriram no último andar, isso mudou. Pelo menos um pouco.

Era mais formal nos escritórios executivos, mais padrão de negócios. Pessoas assentiam em reconhecimento, e as únicas coisas sendo carregadas eram arquivos ou laptops. O código de vestimenta era mais de acordo com o que eu vesti.

O espaço era brilhante e limpo, e eu estava prestes a parar e inspecionar a parede da diretoria quando vi o nome que eu estava procurando na porta do escritório no final do corredor. Henry Callahan, CEO... aqui vou eu.

Alisei minha saia e me dirigi para a porta. Uma vez que ninguém estava lá para me parar e eu aderi o lema melhor-pedir-perdão-do-que-permissão, bati uma vez antes de abrir a porta.

A cadeira atrás da mesa estava vazia. Henry não estava lá.

Mas alguém mais estava.

— Olá? Posso ajudá-la? — Perguntou uma mulher perto das estantes de livros. Mas ela não era apenas qualquer outra mulher. Talvez precisasse ser uma para reconhecer outra, mas era tão óbvio que a competição já tinha feito seu caminho para a vida de Henry quanto que os peitos dela não eram reais. Os naturais não formam meio círculos perfeitos como esses, o que me levou a minha próxima conclusão: Quem quer que tenha treinado ela não sabia como se vestir.

Muito decotado para o escritório.

— Estou procurando o Henry. — Eu tentei manter o meu nível de voz e evitar que meus olhos se estreitassem.

70

— Você tem um horário? — Ela largou a foto emoldurada — sem dúvida fazendo um pouco de reconhecimento enquanto Henry não estava — e deu alguns passos em minha direção.

— Não. Mas ele está me esperando. — Isso pode ter sido uma meia mentira, mas Henry tinha me dito que eu poderia entrar em contato com ele a qualquer momento.

— Já que ele está em um avião para Bangkok agora, eu não vejo como ele poderia estar esperando você em seu escritório agora. — Ela levantou uma sobrancelha e esperou, e maldição se aquele olhar que ela estava me dando não estava perto de um que eu poderia fazer. Que a concorrência tinha enviado uma menina com características físicas semelhantes a minha foi uma grande surpresa.

A Cliente tinha lhes dado a mesma informação exata que ela nos deu, então não era um choque que uma sósia loira, de olhos azuis, e peituda estava três metros na minha frente. No entanto, era um pouco assustador que o seu olhar condescendente era semelhante ao meu.

— Quando ele chega? — Perguntei, encontrando o seu olhar. Se ela pensou que podia me intimidar com um longo olhar, eles tinham enviado a garota errada.

Precisaria um inferno de muito mais do que alguns olhares arrogantes para me fazer colocar o rabo entre as pernas e recuar. Eu não tinha certeza se o clone com peitos falsos sabia quem eu era ou tinha um bom palpite, mas eu não me importava. O que ela pensava ou sabia de mim não mudaria o resultado de eu terminar o Errand.

— Quem quer saber?

Mordi minha língua e levei alguns momentos para pensar na minha próxima jogada. — Eu sou uma velha amiga de Henry. — Respondi a pergunta sem revelar muito.

— Essa velha amiga de Henry tem um nome? — Ela se aproximou até que estava na frente da mesa de Henry. Então ela sentou-se nela, agarrando as bordas

com as mãos. Ok, essa mensagem não era óbvia nem nada.

— Eve. Meu nome é Eve. — eu dei alguns passos em direção a ela. — Quem quer saber?

71

Ela estampou um sorriso exagerado. — Eu sou a nova assistente do Sr.

Callahan.

Meu cérebro apenas emitiu uma longa sequência de palavrões de quatro letras. Ela não só estava trabalhando para ele, ela era sua assistente. Não que isso significava que ela seria a primeira a levar Henry para a cama, mas como uma regra básica, tornar-se assistente do Alvo era praticamente uma garantia de consegui-lo na cama. Homens como nossos Alvos contratavam assistentes não pelos negócios, mas pelo prazer.

— A nova assistente do Sr. Callahan tem um nome? — Eu repeti com o mesmo exagero de sorriso.

— Meu nome é Kat.

Claro que era.

— Se você quiser marcar um horário, você pode voltar quando o Sr. Callahan estiver disponível, mas infelizmente, você realmente não deveria estar aqui agora.

E você também não deveria. Não que eu tenha alguma coisa a ver com isso.

Ela me acompanhou até a porta e a manteve aberta. — Você gostaria que eu marcasse o horário para você? A agenda do Sr. Callahan está cheia por algumas semanas, mas eu posso encaixá-la no tempo mais curto possível depois disso.

Eu nunca lidei com concorrência antes, mas elas eram tão cadelas quanto eu teria imaginado que seriam. — Oh, tudo bem. Eu tenho o número privado dele.

Vou só ligar e nós nos acertamos. Não há necessidade de qualquer intervenção de terceiros.

Eu sorri quando seus olhos se estreitaram. Nesse nosso jogo, quem estreitava os olhos primeiro era uma espécie de quem piscava primeiro.

— Boa sorte então — ela disse.

Antes de fazer o meu caminho até o elevador, eu atirei-lhe uma piscadela. —

Por que você não fica com essa boa sorte? Eu não vou precisar dela. — Sem outra palavra, eu fui embora. Meu palpite era que ela sabia quem eu era tão bem quanto eu sabia quem ela era. Eu tinha pagado o cartão de mais confiante sem problemas, mas a verdade era que eu estava abalada.

72

Até ontem, eu ainda não tinha conhecido tal coisa como “concorrência”. Eu com certeza não esperava ir para o meu maior Errand com o homem que eu praticamente sangrava vingança para encontrar a concorrência já cavada na vida dele, parecendo como o sonho molhado de todo homem.

Eu já sabia que o Errand seria extremamente difícil de atrair. Cinco minutos depois, poderia ter sido atualizado para impossivelmente difícil. Uma vez que as portas do elevador abriram no primeiro andar, eu peguei meu telefone e disquei para G.

— O que foi? — ela respondeu, soando quase preocupada. Justamente por isso. Eu raramente, se nunca, ligava para G.

— Nós temos um problema, G. Um grande problema.

73